

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

KAROLINE BISCARDI SANTOS

Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG

Belo Horizonte
2012

KAROLINE BISCARDI SANTOS

Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S237a

Santos, Karoline Biscardi.

Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG [manuscrito] / Karoline Biscardi Santos . – 2012. 76 f., enc. : il., grafs. tabs., color., p&b.

Orientadora: Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 72-74.

Anexos: f. 75-76.

1. Linguística – Teses. 2. Língua portuguesa – Variação – Papagaios (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa – Fonologia – Teses. 4. Língua portuguesa – Português falado – Papagaios (MG) – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Mudanças linguísticas – Teses. I. Dogliani, Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798

Para Oneide e João Márcio

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Evelyne Dogliani, pela orientação, pelo carinho e pela paciência ao longo desta caminhada permeada de momentos difíceis.

À Olga Biscardi, ao João Marcio dos Santos e ao Vitor Biscardi Duarte, pela ajuda com a coleta e preparação de dados.

À Luísa Berlim, Fabiana Grinberg, Luciana Dias, Korian Carvalho e Raphaela Maximiano, pela amizade ao longo dos anos de graduação e além. Aos os meus colegas do curso de Letras, pela companhia no aprendizado.

À Eliana Aparecida Campolina, pelos cafés, pela ajuda em tempos difíceis e pelo carinho inesquecível.

À Laís Bahia dos Santos, a Dona Lili, por me permitir vislumbrar algo da história de Papagaios por meio do seu arquivo pessoal.

Aos funcionários da Faculdade de Letras da UFMG e das bibliotecas públicas de Papagaios e de Pará de Minas, pela ajuda e pela boa vontade.

Aos informantes desta pesquisa, pela pronta doação do seu tempo.

À UFMG e à FALE, pela formação gratuita que me proporcionaram.

À CAPES, pela bolsa concedida pelo Programa de Fomento à Pós-Graduação, sem a qual os momentos iniciais desta pesquisa não teriam sido possíveis.

RESUMO

Este trabalho trata, através da metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e do modelo da Difusão Lexical (WANG, 1969), do fenômeno de vocalização da consoante lateral palatal no português da comunidade de Papagaios-MG. Foram realizadas vinte e quatro entrevistas orais gravadas com informantes nativos da cidade. Dos 1328 dados obtidos, foram detectadas 262 vocalizações, isto é, a vocalização ocorreu em 19,7% dos dados.

Os fatores fonológicos considerados em relação à lateral palatal foram: vogal precedente, vogal seguinte e posição da variável em relação ao acento da sílaba. O item lexical foi analisado de forma qualitativa e apresentou altos índices de vocalização ao compor expressão cristalizada e topônimos antigos da região de Papagaios.

Os fatores sociais considerados foram: gênero (masculino e feminino), grau de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e idade (20-40 anos e 40-60 anos). Foram detectadas influências dos três fatores, embora o fator idade apresentasse resultados próximos da neutralidade.

Os resultados das análises permitem concluir que a realização vocalizada da lateral palatal é influenciada por fatores sociais, por aspectos do item lexical e por fatores fonológicos. Permitem, também, manter a hipótese de que pode estar ocorrendo uma introdução da lateral palatal em uma comunidade de fala onde a pronúncia vocalizada era categórica.

ABSTRACT

The present work presents an analysis of the vocalization of the palatal lateral consonant in the community of Papagaios, Minas Gerais, using the methodology of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) and takes into account the Lexical Diffusion model (WANG, 1969). 1328 records of speech were obtained through twenty-four interviews with different informants from Papagaios. Vocalization of the palatal was detected in 19,7% of the data, which amounts to 262 occurrences of the variable.

Phonological factors considered in relation to the palatal lateral were: preceding vowel, following vowel and position of the variable in relation to syllable stress. The lexical item was analyzed qualitatively and it has been shown that higher percentages of vocalization appear when the item is part of a crystallized expression and when it is part of old toponyms in the region of Papagaios.

Social factors considered in relation to the palatal lateral were: gender (male and female), education level (elementary school, high school and university) and age (20-40 years and 40-60 years). The analysis of gender showed that this factor has opposite trends depending on other factors (education or age) it may relate to. The influence of three factors was detected, but the age factor results were close to neutral.

The analysis results showed that the realization of the vocalized variant of the palatal lateral is influenced by social factors, by aspects of the lexical item and by phonological factors. These results favor the possibility to maintain the hypothesis that what might be happening in Papagaios is the introduction of the palatal lateral in a speech community where the vocalized pronunciation used to be categorical.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Vogal precedente à variável <ɫ>	45
Tabela 2 — Favorecimentos selecionados pelo Goldvarb X: vogal precedente.....	47
Tabela 3 — Vogal seguinte à variável <ɫ>	48
Tabela 4 — Favorecimentos selecionados pelo Goldvarb X: vogal seguinte.....	49
Tabela 5 — Posição de <ɫ> em relação ao acento	50
Tabela 6 — Posição em relação ao acento: pesos relativos	50
Tabela 7 — Distribuição das variantes entre os itens mais frequentes	53
Tabela 8 — Distribuição das variantes no plural de alguns itens frequentes.....	54
Tabela 9 — Distribuição das variantes [j] e [ɫ] segundo item isolado e participação em expressão cristalizada	56
Tabela 10 — Distribuição das variantes entre nomes próprios e comuns	58
Tabela 11 — Ocorrência da variante [j] em nomes próprios do corpus	58
Tabela 12 — Nomes próprios que apresentaram vocalização	59
Tabela 13 — Vocalização da lateral palatal em palha, substantivo comum, e Palha, nome da rua.....	61
Tabela 14 — Ocorrência da variante [j] em topônimos e antrotopônimos	62
Tabela 15 — Ocorrência de [j] em antropônimos.....	63
Tabela 16 — Ocorrência de [j] em topônimos e antropônimos	64
Tabela 17 — Escolaridade: pesos relativos	65
Tabela 18 — Idade: pesos relativos	66
Tabela 19 — Fator gênero	67

LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Casa de Cultura Dona Petita.....	14
Foto 2: Igreja Nossa Senhora Aparecida	17
Foto 3: Igreja Matriz de São Sebastião	25
Mapa 1: Localização do município de Papagaios em Minas Gerais	14

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 —Esquema de agrupamento de informantes.....	40
Quadro 2 — Recodificação dos fatores vogal precedente e vogal seguinte à variável <λ>.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Distribuição das variantes [ʎ] e [j]	43
Gráfico 2 — Distribuição das variantes em duas amostras	44
Gráfico 3 — Gênero e escolaridade: percentual de [j]	68
Gráfico 4 — Gênero e idade: percentual de [j].....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – O MUNICÍPIO DE PAPAGAIOS	15
1.1 Informações gerais	15
1.2 Breve história do município.....	15
1.3 Breve descrição de fenômenos linguísticos observados em Papagaios e região	16
CAPÍTULO 2 – OBJETO DE ESTUDO.....	18
2.1 Caracterização estrutural	19
2.2 Caracterização regional.....	20
2.3 Caracterização social	21
2.4 Hipóteses para o surgimento da variante [j] no Português Brasileiro.....	21
2.4.1 A hipótese das línguas românicas	22
2.4.2 A hipótese da influência indígena e africana	22
2.5 Estudos sociolinguísticos sobre a lateral palatal	23
CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO	26
3.1 Fatores estruturais	27
3.2 Fatores individuais, sociais e estilísticos	27
3.3 O paradoxo do observador	29
3.4 Legitimidade e estigmatização.....	30
3.5 Tópicos relevantes na história do estudo da mudança	32
3.5.1 O modelo neogramático.....	32
3.5.2 O modelo da Difusão Lexical	34
3.5.3 Neogramáticos vs. Difusão Lexical	34
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	36
4.1 Objetivos.....	36
4.2 Hipóteses	36
4.2.1 Assimilação.....	36
4.2.2 O fator item lexical	37
4.2.3 O fator gênero	37
4.2.4 O fator escolaridade.....	37
4.2.5 O fator idade	38
4.2.6 Outras hipóteses.....	38

4.3 Fatores da análise.....	38
4.4 Coleta de dados.....	39
4.5 Transcrição de dados	41
4.6 Catalogação de dados	42
4.7 Análise	42
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS FATORES ESTRUTURAIS E SOCIAIS	43
5.1 Fatores fonológicos.....	44
5.1.1 Vogal precedente	45
5.1.2 Vogal seguinte	47
5.1.3 Posição em relação ao acento	49
5.2 Item lexical	51
5.2.1 Frequência.....	52
5.2.2 Expressões cristalizadas.....	54
5.2.3 Natureza do nome: nomes próprios e nomes comuns.....	57
5.2.3.1 O topônimo Rua da Palha	60
5.2.3.2 O topônimo Maravilhas	61
5.2.3.3 Reanálise do fator natureza do nome.....	62
5.2.4 Conclusão da análise de fatores estruturais	64
5.3 Fatores sociais.....	65
5.3.1 Análise do fator escolaridade.....	65
5.3.2 Análise do fator idade.....	66
5.3.3 Análise do fator gênero.....	67
5.3.4 Conclusão da análise dos fatores sociais	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	75

INTRODUÇÃO

O fenômeno de vocalização da lateral palatal [ʎ], também chamado de iotização e objeto de estudo deste trabalho, faz-se presente no dialeto de diferentes regiões do Brasil e consiste na substituição da consoante lateral palatal [ʎ] pela semivogal [j]¹, como em

trabalho, [tra'baʎʊ] > trabaio, [tra'bajʊ]

abelha, [a'beʎə] > abeia, [a'bejə]

Inicialmente, uma observação intuitiva mostrou que a lateral palatal está em variação na fala dos habitantes da cidade de Papagaios, município localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte², e de várias cidades vizinhas, tendo sido detectada a sua ocasional substituição por [j]. Este trabalho pretende, através da metodologia da Sociolinguística Variacionista, que investiga as relações existentes entre estrutura social e variação linguística, verificar como fatores internos (também chamados de estruturais) e sociais podem influenciar a realização de <ʎ> como [j] na comunidade de fala de Papagaios.

O presente trabalho organiza-se da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o município de Papagaios, incluindo dados históricos e fenômenos linguísticos observados intuitivamente na fala dos seus habitantes. O segundo capítulo descreve o objeto de estudo desta pesquisa dos pontos de vista estrutural, regional e social; apresenta, também, hipóteses para o surgimento de [j] no Português Brasileiro e estudos sociolinguísticos já conduzidos em Minas Gerais sobre a vocalização da lateral palatal. O terceiro capítulo apresenta o referencial teórico, incluindo os principais conceitos e pressupostos da Sociolinguística Variacionista. O quarto capítulo apresenta a metodologia utilizada para realizar esta pesquisa, incluindo objetivos, hipóteses, fatores da análise e procedimentos para coleta, transcrição, catalogação e análise de dados. O capítulo 5 apresenta as análises dos fatores estruturais e sociais e seus resultados. A seguir, apresentam-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

¹ A representação da aproximante palatal nos trabalhos sobre o tema lidos até o momento é feita por [y]. Silva, 2005, p. 113-114 também recomenda a representação [y] para a variante vocalizada da lateral palatal. Optei, no entanto, por utilizar, neste trabalho, a representação recomendada pelo Alfabeto Fonético Internacional (IPA), ou seja, [j]. Essa é a representação do iode utilizada em Ashby (2005) e Tagliamonte (2006). O intuito desta troca é tornar mais precisa a representação desta semivogal, uma vez que o símbolo [y] é utilizado pelo IPA para representar a vogal fechada anterior arredondada. Cf. <<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/images/pulmonic.gif>> e <<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/vowels.html>>. Acesso em: 01 dez 2011.

² Segundo classificação do IBGE presente no site do Governo de Minas. <http://www.mg.gov.br/governomg/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=ligminas_10_2_04_listamesomi_cro.pdf> Acesso em: 22 set 2011.



Foto 1: Casa de Cultura Dona Petita. Papagaios, setembro de 2009. Fonte: acervo pessoal.



Mapa 1: Localização do município de Papagaios em Minas Gerais. Fonte: Wikipedia, verbete “Papagaios”

CAPÍTULO 1 – O MUNICÍPIO DE PAPAGAIOS

Este capítulo apresenta a caracterização da comunidade de fala em estudo. São apresentados dados geográficos e históricos de Papagaios. Apresentam-se, também, alguns fenômenos linguísticos observados na cidade e que não são objeto de estudo deste trabalho.

1.1 Informações gerais

Localizado a 150 quilômetros da capital do estado de Minas Gerais, o município de Papagaios contava com 14.128 habitantes em 2010³. Papagaios ocupa uma área de 558,2 quilômetros quadrados⁴. É constituído pela sede e por dez povoados, que são: Riacho de Areia, Pontinha, Boa Vista, Costa, Córrego do Ouro, Buriti dos Veados, Bom Jardim, Boi Pintado, Taquara, Aguada, Troncha, Capivara e Vargem Grande⁵. A principal atividade econômica atualmente é a extração e o beneficiamento de pedra ardósia.

1.2 Breve história do município

A colonização do território onde hoje se encontram os atuais municípios de Pitangui, Pompéu, Papagaios, Maravilhas e outros teria sido levada a cabo por bandeirantes paulistas, por volta de 1709, devido ao avistamento de ouro abundante na região (DELFINO & CAMPOS, 2009, p. 11)⁶. Estes municípios fariam parte da chamada “Mesopotâmia Mineira”, definida como “todo o território localizado entre os rios Pará e Paraopeba, o qual, durante toda a primeira metade do século XIX, pertenceu ao Curato e ao Termo de Pitangui”. (op. cit. p. 98). Ainda segundo os autores,

a ocupação da nossa “Mesopotâmia Mineira” teve início nas primeiras décadas do século XVIII e, principalmente, após o conflito entre paulistas e emboabas (...), conflito este que ficou conhecido como Guerra dos Emboabas (1708-1710). A região de Pitangui tornou-se um grande foco de resistência dos paulistas, além de ter constituído um pólo de atração para os mineradores devido à descoberta de ouro no morro do batatal e à mineração de aluvião que começou a se expandir pelo leito do Rio São João (DELFINO & CAMPOS, 2009, p. 99).

³ Dados divulgados do censo de 2010. Disponíveis no site do IBGE: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31> Acesso em 17 jan 2012.

⁴ Dados disponíveis em: Assembleia Legislativa de Minas Gerais <http://www.almg.gov.br/consulte/info_sobre_minas/index.html?aba=js_tabMunicipios&sltMuni=469> Acesso em 17 jan 2012.

⁵ Dados da Prefeitura de Papagaios disponibilizados na Biblioteca Pública Municipal.

⁶ Ver também ROMEIRO, 2005, p. 313-318, sobre a descoberta de Pitangui pelos paulistas.

Segundo o IBGE, em 1911 o município de Pitangui tinha sete distritos, a saber: Pitangui, Abadia, Cercado, Conceição do Pará, Conceição do Pompéu, Maravilhas e Papagaios.⁷ Foi nesse ano de 1911 que o povoado de Papagaios desmembrou-se do distrito de Maravilhas e passou a ser também distrito do município de Pitangui.

Em 1929, houve a inauguração do primeiro grupo escolar do distrito de Papagaios, e, em 1931, foi inaugurada a biblioteca Ernestina Luiza Amorim. Em 1953, pela Lei Estadual número 1.039, o distrito foi emancipado e elevado à categoria de município. Sua instalação aconteceu em 20 de janeiro de 1954, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade.

Na década de 60, a principal atividade econômica da cidade era a extração e comercialização de cristais. Na década de 70, houve o ciclo do carvão, que passou a ser a principal fonte de renda da cidade e contribuiu para o desmatamento de vegetação nativa de cerrado em áreas próximas ao município. Na década de 80, iniciaram-se, a partir de empresas familiares, as atividades de extração e beneficiamento de pedra ardósia. Papagaios tornou-se a “capital mundial da ardósia” nesta época, e atualmente é responsável por metade da produção nacional da pedra. O Produto Interno Bruto do município em 2005 foi estimado pelo IBGE em 113.833.000 reais, e a renda per capita no mesmo ano era de 8.162 reais⁸.

1.3 Breve descrição de fenômenos linguísticos observados em Papagaios e região

Embora Papagaios seja uma cidade geograficamente próxima de Belo Horizonte, seu dialeto apresenta diferenças marcantes em relação ao da capital, sendo a mais evidente delas a pronúncia retroflexa do /r/ pós-vocálico, ou [ɾ]. Os falantes do lugar costumam ter consciência desse fenômeno e chamam sua pronúncia de “‘r’ puxado”. Embora esta realização do /r/ pós-vocálico ocorra inclusive em situações extremamente formais, é possível que ela seja corrigida nas escolas pelos professores, que podem recomendar a pronúncia aspirada, segundo o padrão de Belo Horizonte. A pronúncia [ɾ] também pode ser observada em outras cidades próximas, como Pitangui, Pompéu, Pequi, Maravilhas, Abaeté, Martinho Campos, Pará de Minas e Florestal.

Outro fenômeno linguístico recorrente em Papagaios e também nos municípios vizinhos mencionados acima é o apagamento das vogais finais. Quando pronunciadas, as

⁷ Dados disponíveis em: IBGE <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/pitangui.pdf> > Acesso em 17 jan 2012.

⁸ Dados disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005/tab01.pdf>

vogais finais [e] e [o] tendem a ser alçadas, tornando-se [ɪ] e [ʊ], como se registra em grande parte dos dialetos falados no Brasil.

Ainda sobre o apagamento de vogais finais, é interessante observar que a pronúncia de /r/ intervocálico no dialeto de Papagaios será sempre o tepe, ou [r], como em ago[r]a⁹. No entanto, se ocorre a queda da vogal final, o /r/ pode passar de tepe, [r], a retroflexo, [ɹ], podendo a palavra “agora” ser pronunciada como ago[ɹ]. Mantém-se, assim, o padrão da pronúncia de /r/ pós-vocálico do dialeto da cidade.

Um outro fenômeno linguístico explicável pela fonotática foi detectado nas entrevistas realizadas para este trabalho. Trata-se da despalatalização das africadas [dʒ] e [tʃ], como são pronunciados [d] e [t] antes da vogal [ɪ], como em *prioridade* e *tomate*. Assim como no caso da retroflexão de /r/ em final de palavra após queda da vogal, a despalatalização parece ocorrer como consequência da queda da vogal final quando esta é [ɪ].



Foto 2: Igreja Nossa Senhora Aparecida. Papagaios, setembro de 2009. Fonte: acervo pessoal.

⁹ Percebi intuitivamente que esta afirmação não é sempre válida para falantes da cidade de Maravilhas, que fica a 10 quilômetros de Papagaios. Parece-me que os maravilhenses podem pronunciar como [ɹ] não só o /r/ pós-vocálico como também o /r/ intervocálico, em qualquer estilo de fala. Além disso, uma diferença marcante do falar de Maravilhas em relação ao de Papagaios é a ausência de artigo diante de antropônimo.

CAPÍTULO 2 – OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo caracteriza a variável em estudo <ɫ> estrutural e socialmente. São apresentadas também algumas hipóteses para o surgimento da variante [j] no Português Brasileiro.

Partindo do pressuposto de que a variável <ɫ> no português brasileiro apresente, dentre outras variantes, os fones [j] (pronúncia vocalizada) e [ɫ] (pronúncia lateral palatal), conforme apresentado em Madureira (1997), pretende-se, através de uma análise variacionista, verificar a extensão desse processo na comunidade de fala do município de Papagaios, Minas Gerais, onde uma observação intuitiva mostrou serem realizadas as duas variantes.

Além da semivogal [j], o fonema /ɫ/ pode ser realizado como o fone [ɫʲ], uma consoante lateral alveolar palatalizada. Optou-se por não analisar a variação entre [ɫ] e [ɫʲ] neste trabalho, porque é muito difícil distinguir as duas variantes de modo perceptual¹⁰. Além disso, não há evidências de que a variante [ɫʲ] responda a fatores sociais no Português Brasileiro. Assim, diante de 1) similaridades fonéticas; 2) ausência de motivos para distinguir as variantes nesta análise e 3) das dificuldades técnicas de se fazer tal distinção, as duas realizações consonantais de /ɫ/ no Português Brasileiro ([ɫ] e [ɫʲ]), serão tratadas como a variante lateral palatal, variante não-vocalizada, ou simplesmente [ɫ].

Acredita-se que a variável <ɫ> reúna as três características consideradas mais úteis por Labov (1972, p. 8) para o estudo de uma comunidade linguística: é frequente a ponto de não precisar ser provocada; é estrutural, isto é, tem valor distintivo em relação a outras estruturas; e é estratificada socialmente, conforme mostram os trabalhos de Oliveira (1983) e Madureira (1987), entre outros.

Do ponto de vista estrutural, é curioso o fato de haver variação entre [ɫ] e [j], uma vez que este processo pode tornar iguais palavras de uso comum no falar de Papagaios, ocasionando a união de alguns pares mínimos, definidos por Silva (2005, p. 126) como “duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora [é] idêntica”, distinguindo-se por um único fonema. Como exemplos de pares mínimos que se desfazem através da vocalização da lateral palatal, temos:

- a) pilha > pia, igualando-se a “pia”, lugar onde se lavam pratos, mãos etc.
- b) vasilha > vasia, igualando-se a “vazia”, o contrário de “cheia”.

¹⁰ Pontes (1972) afirma que [ɫ] e [ɫʲ] podem ser consideradas uma só variante no PB.

- c) telha > teia, igualando-se à “teia” de aranha, que também pode significar “rede”.
- d) filho > fio, igualando-se a “fio”, que significa “fibra” ou “linha”.
- e) afilhado > afiado, igualando-se a “afiado”, que significa “cortante”.
- f) molho (de chaves, pronunciado com “o” aberto, [ɔ]) > moio (também pronunciado com [ɔ]), igualando-se à primeira pessoa do verbo “molhar”.

O interesse pela variável <λ> é reforçado pelo fato de sua realização vocalizada ser um fenômeno estigmatizado em algumas comunidades (OLIVEIRA, 1983, p. 166)¹¹ e ao mesmo tempo recorrente. Acredita-se que estudos deste tipo de fenômeno, feitos a partir de uma perspectiva descritiva, possam contribuir para 1) uma maior conscientização da sociedade e principalmente dos professores de língua materna sobre o tema do preconceito linguístico; 2) a discussão de propostas já existentes para a compreensão do comportamento da variável <λ> no português brasileiro; e 3) para o estudo da variação da lateral palatal em municípios próximos e que partilham características históricas, como Pitangui, Pompéu, Abaeté, Maravilhas, Pequi, Pará de Minas, Florestal e outros, contribuindo com estudos dialetológicos sobre a região¹².

2.1 Caracterização estrutural

A consoante lateral palatal é articulada com a lâmina da língua contra o palato. O ar, ao ser expelido, é obstruído pela parte central da língua, sendo liberado pelos lados (KENSTOWICZ, 1994, p. 35). A obstrução pela língua pode ser, no entanto, eliminada, e a consoante adquire, assim, qualidade de vogal.

Segundo Kenstowicz (1994, p. 35), “as [consoantes] líquidas tendem a se dissimilar”¹³, o que demonstra seu status de segmento instável. Ainda segundo o autor,

as semivogais ou glides [y] [sic] e [w] estão muito próximas das vogais altas [i] e [u]. Se se articula um [i] e depois vagarosamente se contrai o corpo da língua, a pronúncia torna-se a do iode [y]. (...) Intuitivamente, [y] e [w] são variantes consonantais das vogais [i] e [u].¹⁴ (op. cit., p. 23)

...as vogais altas [i] e [u] e os glides correspondentes [y] [sic] e [w] têm a mesma estrutura de traços. Eles diferem somente em termos de sua localização na sílaba.

¹¹ Cabe refletir sobre o grau de estigmatização em outras comunidades.

¹² Como se sabe, a pesquisa dialetológica vem avançando muito no Brasil, com a elaboração de atlas linguísticos regionais, como o Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO, 1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA, MOTA et alii, 1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), para mencionar apenas alguns trabalhos.

¹³ “Liquids are prone to dissimilate.”

¹⁴ “The semivowels or glides [y] and [w] are close kin to the corresponding high vowels [i] and [u]. If one articulates an [i] and then slowly constricts the tongue body, the pronunciation shades into the jod [y]. (...) Intuitively, [y] and [w] are consonantal variants of the vowels [i] and [u].”

Uma vogal ocupa o núcleo enquanto um glide aparece nas margens, no onset pré-vocálico ou na coda pós-vocálica.¹⁵ (op.cit., p. 37)

Assim, segundo Kenstowicz, não haveria diferença entre [i] e [j] em termos da estrutura de traços, e a diferença entre esses segmentos estaria relacionada com a função de cada segmento na sílaba. Segundo Silva (2005, p. 25-26), as semivogais ou glides são segmentos que “têm características fonéticas não tão precisas, seja de consoante ou de vogal. (...) É a função dos segmentos na estrutura sonora que justifica a análise mais adequada para os glides em cada língua particular. Em português, classificamos os glides como segmentos vocálicos.”

2.2 Caracterização regional

A variação entre [ʎ] e [j] responde a fatores geográficos, e pode ser observada pelo menos no dialeto rural do Paraná (BARONAS, 2008, p. 101), em Goiás (MENDONÇA, 1972; SANTIAGO-ALMEIDA et al., p. 168), em Minas Gerais (OLIVEIRA, 1983; MADUREIRA, 1987; CASTRO, 2006; PINHEIRO, 2009; BISCARDI & DOGLIANI, 2011), e no interior de São Paulo (RODRIGUES, 1974, p. 162). Segundo Aguilera (1999, p. 158), esse processo é “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados.”

A vocalização de [ʎ] em [j] é apontada por Amaral (1920) como uma das características do chamado dialeto caipira, que teria sido levado ao interior do Brasil colônia pelos bandeirantes paulistas. Segundo Melo (1975, p. 77),

esse *dialeto caipira*, em virtude das Bandeiras e dos movimentos de população que estas determinaram, teve ampliada sua área geográfica, diluindo-se embora ou caldeando-se com elementos outros, e, atingindo o rio S. Francisco, chegou até os sertões do Nordeste. Só isto pode explicar, a meu ver, a notável unidade relativa da nossa linguagem popular do interior.

Assim, não parece desrazoável propor que a variante [j] tenha sido, como parte do dialeto caipira, espalhada pelo interior do Brasil pelos colonizadores paulistas. Amadeu Amaral (1920, p. 8), ao descrever o dialeto caipira, encontrado principalmente no estado de São Paulo, faz referência ao fenômeno de iotização, listando-o como uma das características deste falar. Segundo o autor, a vocalização de /ʎ/ seria categórica, uma vez que a “consonância palatal molhada *lh* não existe no dialeto” (p. 5). Considerando a colonização paulista do

¹⁵ “...the high vowels [i] and [u] and the corresponding glides [y] and [w] have the same feature structure. They differ in terms of their location within the syllable. A vowel occupies the nuclear peak while a glide appears in the margins – the prevocalic onset or the postvocalic coda.”

território de Pitangui, do qual Papagaios fazia parte, pode-se pensar que o iode pode ter sido categórico nesse território à época da colonização.

2.3 Caracterização social

A variante [ʎ] é considerada padrão no PB, enquanto a variante [j] é considerada não-padrão, podendo ser estigmatizada. Estudos sociolinguísticos demonstram que a realização vocalizada da lateral palatal responde a fatores sociais, como: 1) grupo socioeconômico: a variante [j] tende a ocorrer com maior frequência em grupos socioeconômicos menos favorecidos; 2) escolaridade: a variante [j] tende a ocorrer com maior frequência na fala de indivíduos menos escolarizados; 3) idade: a frequência da variante [j] segundo faixa etária depende da comunidade de fala pesquisada. Estudos realizados em Belo Horizonte (MADUREIRA, 1987; PINHEIRO, 2009) apontam para a estabilidade do fenômeno de vocalização da lateral palatal, mas um estudo conduzido em Jaboticatubas (CASTRO, 2006) aponta para a prevalência da pronúncia vocalizada entre os indivíduos mais idosos.

2.4 Hipóteses para o surgimento da variante [j] no Português Brasileiro

Teria o processo de vocalização da lateral palatal começado no falar dos bandeirantes, o dialeto caipira, e depois se espalhado pelo Brasil? Em caso afirmativo, que forças poderiam haver atuado sobre esse dialeto para causar esse fenômeno? Ou seria a vocalização de [ʎ] apenas uma tendência comum às línguas românicas? Não se tem ainda uma resposta definitiva para essas perguntas, embora estudos recentes de história social do PB tenham ajudado a esclarecer diversos pontos da questão, cuja explicação continua oscilando entre duas hipóteses principais, apresentadas a seguir.

Alguns estudiosos atribuem a vocalização de [ʎ] em [j] a uma tendência natural das línguas românicas. Embora se incline pela hipótese da influência africana na causa deste fenômeno, Melo (1975, p. 81) admite que “a transformação *lh* > *y* é românica, podendo-se pois explicá-la sem pedir interferência da ‘língua geral’ ou dos idiomas africanos.” Mendonça (1972, p. 62), que acaba optando pela hipótese da influência africana, nota que “no campo da filologia românica o mesmo [a vocalização de [ʎ]] se reproduziu ou tende a reproduzir-se”, e cita como evidências a presença deste processo nos dialetos crioulos caboverdeano, guineense e da Ilha de S. Tomé, além de sua presença em várias línguas românicas, como o romeno, o francês, o espanhol e o italiano. Melo (1975, p. 21) faz referência ao fenômeno no francês, e

Antunes & Vianna (2006, p. 22) demonstram que o fenômeno também ocorre no espanhol, onde é chamado de yeísmo.

Apesar de o fenômeno de vocalização da lateral palatal estar presente em outras línguas românicas, alguns pesquisadores argumentam que tal processo ter-se-ia dado por influência das línguas indígenas e africanas, devido ao fato de o processo ser mais evidente, no Brasil, nas “zonas mais africanizadas” (MELO, 1975, p. 81) e ao fato de os índios e negros terem se mostrado sempre “incapazes de pronunciar *lh*” (SILVA NETO, 1986, p. 595).

Acredita-se, no entanto, que a falta de dados que comprovem a maior frequência de [j] em zonas de herança cultural africana abra espaço para uma discussão a respeito deste argumento. Já a ausência do som [ʎ] nas línguas faladas por negros e índios parece ser apenas um indício de que poderia ter havido uma contribuição desses grupos para o início da vocalização da lateral palatal no PB. Da mesma forma, o fato de [j] estar presente em outras línguas românicas parece ser apenas um indício de que o fenômeno seria resultado de uma tendência do sistema dessas línguas, o que determina que nenhum desses argumentos seja conclusivo.

Mendonça (1972, p. 61) afirma que o fenômeno é de origem africana e não indígena, uma vez que

o indígena nunca penetrou em Portugal. O africano chegou a ser conhecido em Portugal, onde foi corrente no teatro cujos personagens cômicos falavam língua de negro. Gil Vicente, na comédia *Nau de amores*, dá a palavra a um legítimo negro de Benin, que falava em seu português xacôco para gáudio dos ouvintes.

Conforme observa Mendonça, entre os traços observados no falar negro representado na literatura portuguesa anterior ao descobrimento do Brasil está a vocalização da lateral palatal. O negro seria, portanto, o elemento comum às sociedades portuguesa e colonial do Brasil, o que constitui mais um indício em favor da hipótese africanista.

No entanto, apesar dos vários indícios de que a influência africana tenha contribuído com o fenômeno de vocalização da lateral palatal no PB, não se pode afirmar categoricamente que isto tenha se dado, pois não foram apresentados ainda dados conclusivos a esse respeito. Acredita-se que as hipóteses apresentadas acima não se excluam necessariamente, podendo os fatores sistema interno, elemento negro e elemento índio terem contribuído para desencadear e fixar um processo que aconteceria de qualquer forma na língua. Parece preferível, a esta altura, lembrar uma das propostas de Silva Neto (1986, p. 595), segundo a qual

vemos claramente que certas mudanças verificadas na linguagem rural ou dialetal do Brasil se explicam, não pela interferência de qualquer substrato ou adstrato, mas por uma rápida evolução, apressada por aloglotas. O papel destes constitui, aqui, como

alhures, em realizar de imediato o que, em condições normais, levaria séculos para completar-se.

Espera-se que os novos estudos de dialetologia e história social do PB venham a prestar grande ajuda ao esclarecimento dessa questão.

2.5 Estudos sociolinguísticos sobre a lateral palatal

Esta seção apresenta alguns dos estudos sociolinguísticos que já foram realizados sobre a lateral palatal no Português Brasileiro, especialmente em comunidades mineiras, como Oliveira (1983), Madureira (1987), Castro (2006) e Pinheiro (2009).

Oliveira (1983) apresenta um estudo variacionista das líquidas na comunidade de Belo Horizonte conduzido a partir de um *corpus* de língua oral coletado em diferentes bairros da cidade. Neste trabalho, o autor leva em conta fatores internos e os externos como classe social, idade e gênero, chegando à conclusão de que, pelo menos em Belo Horizonte, a variante vocalizada [j] é estigmatizada, sendo mais frequente nos grupos socioeconomicamente menos favorecidos. Tem comportamento estável, ou seja, não apresenta evidências de estar em extinção ou expansão, e é desfavorecida pelas mulheres. A análise de fatores estruturais não detectou favorecimentos significativos, isto é, a realização de [j] na comunidade de Belo Horizonte não seria determinada por fatores linguísticos.

Madureira (1987) estuda a vocalização da lateral palatal também em Belo Horizonte, a partir de um *corpus* de língua oral. A autora considerou fatores linguísticos e os fatores sociais idade, sexo e classe social. A variante [j] mostrou-se estável, favorecida por indivíduos do sexo masculino e pertencentes ao grupo socioeconomicamente menos favorecido. A autora propõe que a implementação da pronúncia vocalizada [j] em lugar de [ʎ] se dê a partir do grupo social menos favorecido para o grupo social economicamente mais favorecido e através de contextos de fala afetivos em oposição a intelectivos (MADUREIRA, 1987, p. 15), com destaque para itens de conotação pejorativa. Não foi detectada a influência de fatores fonológicos, mas foi detectado favorecimento de [j] pelo item *trabalhar*.

Castro (2006) mostra que a pronúncia [ʎ] está sendo introduzida pelos falantes jovens na comunidade afro-descendente de Matição, na cidade mineira de Jaboticatubas, enquanto a pronúncia [j] é categórica entre os falantes mais idosos. A variante [j] estaria, portanto, em declínio. A autora propõe como explicações para este fato a diferença de graus de escolaridade entre as duas faixas etárias e o maior contato dos jovens de Matição com a comunidade urbana de Jaboticatubas, onde a pronúncia [ʎ] é a mais comum. A autora detecta

a influência dos itens *filho* e *trabalhar* na introdução da lateral palatal na comunidade (CASTRO, 2006, p. 67).

Pinheiro (2009) apresenta uma análise variacionista das palatais lateral e nasal na comunidade de Belo Horizonte, conduzida a partir de um *corpus* de língua oral. Os fatores fonológicos considerados foram contexto precedente, contexto seguinte, tonicidade (posição da variável em relação à sílaba acentuada) e número de sílabas. Os fatores não estruturais considerados para análise da lateral palatal foram classe social, escolaridade, gênero e idade. Foi constatado favorecimento 1) do grupo social menos favorecido socioeconomicamente; 2) do grupo menos escolarizado; e 3) dos falantes do gênero masculino. Assim como nos trabalhos de Oliveira (1983) e Madureira (1987), não foram encontradas evidências de que a variante [j] estaria em extinção ou expansão na comunidade de Belo Horizonte. Da mesma forma, não foram encontrados fatores fonológicos que favorecessem a realização da variante vocalizada. Foi constatado que os itens *mulher* e *filho* causaram interferência na análise dos fatores internos (PINHEIRO, 2009, p. 57). A autora chama a atenção para a possibilidade de fatores como frequência e especialização semântica (a utilização de itens em sentidos diferentes dos encontrados nos dicionários ou ligados a contextos específicos) influenciarem o processo de vocalização em determinados itens lexicais, como *velho*. A autora mostra, também, que o percentual de vocalização de [ʎ] no item *trabalhar* aparece reduzido em relação ao percentual encontrado por Madureira (1987), o que pode indicar que está havendo uma correção no item, dada a estigmatização da variante vocalizada. Ao analisar o comportamento do item, Pinheiro (2009, p. 94) conclui que “mesmo que atinja o grupo social mais alto e os informantes mais escolarizados, a propagação dessa variante [vocalizada] para outros grupos parece ter restrições de ordem lexical”.



Foto 3: Igreja Matriz de São Sebastião. Papagaios, setembro de 2009. Fonte: acervo pessoal.

CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos pelos quais se guia esta pesquisa. Apresentam-se conceitos chaves relacionados à Sociolinguística Variacionista e aos modelos propostos atualmente para explicar a mudança linguística.

Sabe-se que a linguagem é, essencialmente, um fenômeno de natureza social. A variação linguística é fenômeno comum às línguas humanas e está presente em todas as comunidades de fala. A Sociolinguística é a área da Linguística que investiga as relações entre as línguas e a sociedade como um todo, indo além de uma visão imanentista da língua para incluir, em seu estudo, o papel da comunidade de fala que a emprega. A Sociolinguística Variacionista ou Laboviana emprega métodos quantitativos para estudar a influência de fatores internos, que não podem ser excluídos do estudo da variação, e de fatores sociais, como gênero, escolaridade, grupo social e idade. Cada um dos fatores sociais estudados pela Sociolinguística Variacionista acaba por revelar, através da variação linguística, diferenciações presentes na estrutura social da sociedade estudada.

No Brasil, a Sociolinguística tem sido empregada em estudos sobre diversos tipos de variação linguística – fonológica, sintática, morfológica etc. A importância desses estudos no Brasil reside em que

a realidade (...) é que as divisões ‘dialetais’ no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (TEYSSIER, 2001, p. 98).

Assim, segundo Teyssier, no Brasil as variedades linguísticas guardariam mais diferenças entre si quando consideradas as diferenças sociais do que as geográficas. A fim de conhecer melhor a língua que se fala no Brasil, apontar fatores diferenciadores e até mesmo fraquezas no nosso ensino de língua materna, a Sociolinguística é de vital importância.

Como exemplo de variação no PB, pode-se citar, por exemplo, a ausência/presença de concordância de número em sintagmas nominais (SCHERRE & NARO, 1998), o alçamento de vogais médias pré-tônicas (VIEGAS, 2001) e a vocalização da lateral palatal (MADUREIRA, 1987; PINHEIRO, 2009).

3.1 Fatores estruturais

De acordo com a Sociolinguística Variacionista, a variação é motivada por fatores de ordem estrutural, isto é, fatores internos ao sistema linguístico, e fatores de ordem social. Entende-se por variação as alternâncias no uso de “formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário” (MOLLICA, 2007, p. 9). Assim, ao se considerar a forma [tra'baʝo] (“trabaió”) – forma esta corrente na comunidade de Papagaios – como possuidora de significado equivalente ao da forma [tra'baʎo] (“trabalho”), considerada padrão, tem-se um exemplo de variação linguística. No caso, como se trata da variação na realização fonética de um fonema, trata-se de variação fonológica. As variações podem ocorrer no plano fonológico, morfológico, sintático e lexical (CAMACHO, 2005).

Os fatores estruturais, também chamados de variáveis internas, são os “fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais” (MOLLICA, 2007, p. 11). São, portanto, fatores inerentes ao próprio sistema da língua.

Os fatores estruturais mais comumente considerados na análise de processos de variação fonético-fonológica são: segmento precedente e seguinte, tonicidade (permanente ou eventual) da sílaba, distância da sílaba tônica, número de sílabas da palavra e saliência fônica (a quantidade de material fonético que diferencia uma forma verbal ou nominal de outra). Fatores como estes podem dar origem a processos como assimilação, dissimilação, redução e outros. A saliência fônica, por sua vez, pode afetar a realização ou não de concordância verbal e nominal (SCHERRE & NARO, 1998).

3.2 Fatores individuais, sociais e estilísticos

Estes fatores, também chamados de variáveis externas, têm estreita relação com a cultura e com a realidade social em que se insere o falante. A Sociolinguística surge na década de 60 com a proposta de possibilitar o cálculo da influência desses fatores sobre os fenômenos de variação linguística através do emprego de métodos estatísticos.

As variáveis externas mais comumente consideradas nas análises sociolinguísticas são gênero, idade, classe social, escolaridade e estilo de fala. No que diz respeito à idade, Labov (1994) estabelece que este fator pode ser utilizado para saber se a mudança está em progresso ou estável, através de um estudo de tempo aparente. Um estudo de tempo aparente é, segundo Labov “a primeira e mais simples abordagem para se estudar uma mudança linguística em progresso” (LABOV, 1994, p. 45). Este tipo de estudo é realizado de forma sincrônica e

estabelece relações entre faixa etária e a ocorrência da variante estudada. Se uma determinada variante está mais presente na fala de indivíduos mais idosos do que de falantes jovens, isso indica que a variante pode estar em extinção, e pode ser chamada de conservadora; se uma variante está mais presente na fala de indivíduos jovens do que de idosos, isso significa que essa variante pode estar em expansão, e pode ser chamada de inovadora. Se o comportamento das faixas etárias estudadas não apresentar diferenças significativas entre o uso de uma ou outra variante, isso aponta para a estabilidade da variação e para a ausência de mudança no sistema linguístico. Para determinar se uma mudança está de fato ocorrendo, pode-se unir ao estudo de tempo aparente o estudo de tempo real do tipo tendência, que é feito comparando-se a fala de informantes de uma mesma idade e comunidade em diferentes momentos do tempo (MEYERHOFF, 2006, 127-154).

No que diz respeito ao gênero, estudos sociolinguísticos têm mostrado que, nas sociedades ocidentais, indivíduos pertencentes ao gênero feminino tendem a apresentar maior tendência à adoção de formas socialmente prestigiadas, em comparação com indivíduos do gênero masculino. Segundo Paiva (2007a),

quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, (...) as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (p. 36).

Trudgill (1995, p. 77) atribui essa preferência das mulheres pelas formas prestigiadas às expectativas sociais, isto é, à valorização social de determinadas características para o gênero feminino, assim como também há expectativas sociais em relação ao comportamento linguístico de indivíduos do gênero masculino. Para o autor, a preferência das mulheres pelas formas linguísticas prestigiadas pode ser explicada pelo fato de as mulheres, em nossa sociedade, serem mais avaliadas pelo que aparentam, e os homens pelo que fazem.

Da mesma forma, indivíduos mais escolarizados e pertencentes a classes sociais favorecidas economicamente tendem a dar preferência a formas menos estigmatizadas em sua fala. Quanto ao estilo de fala, pode ser classificado como formal ou informal e, segundo Oliveira (1983, p. 56), a presença de “construções sintáticas elaboradas e uso de palavras incomuns” aponta para um estilo de fala formal.

Labov (1972, p. 86) divide os tipos de estilo de fala em casual, cuidadoso e espontâneo, conforme o contexto, que pode ser formal ou informal. Propõe, também, algumas estratégias para se obtê-los durante uma entrevista, conforme se apresenta a seguir.

3.3 O paradoxo do observador

Por questões éticas, toda entrevista sociolinguística deve ser gravada com o conhecimento e o consentimento dos falantes. Ao mesmo tempo, o conhecimento do falante em relação ao fato de sua fala estar sendo gravada normalmente implica significativas alterações nos dados obtidos, uma vez que as pessoas tendem a prestar maior atenção à sua fala quando sabem que estão sendo gravadas. Como obter, então, um estilo de fala em que haja um monitoramento linguístico mínimo por parte do falante?

Segundo Labov (1972, p. 209), o paradoxo do observador consiste em que “o objetivo da pesquisa em uma comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; porém, é só através da observação sistemática que podemos obter esses dados.”¹⁶ Labov sugere, assim, algumas estratégias que podem minimizar os efeitos da formalidade da situação de entrevista. Entre elas, está a sugestão de provocar, através de perguntas ou da introdução de tópicos, narrativas que envolvam o falante emocionalmente, tais como envolvimento em acidentes, risco de morte etc.

Uma alternativa proposta por Labov para superar o paradoxo do observador que parece ser eficaz é a realização de mini-entrevistas anônimas e não gravadas, em que os dados pessoais dos informantes são estimados pelo pesquisador e os resultados anotados logo após a curta interação. Segundo Labov, a mini-entrevista contaria com perguntas formuladas anteriormente já com a intenção de provocar a ocorrência de uma determinada variável. Assim, ao pesquisar as relações entre prestígio social e a pronúncia do /r/ pós-vocálico entre vendedores de lojas de departamento de Manhattan, Labov obteve uma grande quantidade de dados de forma rápida e simples. Ao entrar nas lojas escolhidas para a pesquisa, fazia aos vendedores a seguinte pergunta: “Excuse me, where are the women’s shoes?”, que em português significa “Com licença, onde ficam os sapatos femininos?”, e a resposta era normalmente a prevista: “Fourth floor” – “Quarto andar”, em português.¹⁷

Este método tem inúmeras vantagens, mas apresenta também falhas evidentes em relação ao método da entrevista, como reconhece de imediato o próprio Labov: pequena quantidade de dados por informante, o método de registro dos dados (anotação em vez de gravação), a dependência da memória do pesquisador, o fato de os dados pessoais dos

¹⁶ “[T]he aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation.”

¹⁷ Para mais detalhes sobre esta pesquisa, ver Labov, 1972, capítulo 2, intitulado “The social stratification of (r)”.

informantes não passarem de estimativas e a falta de informações mais detalhadas sobre o perfil dos informantes (LABOV, 1972, p. 61).

Com tantas falhas inerentes ao método, como ele poderia ser de ajuda na resolução do paradoxo do observador? Ora, conforme aponta Labov (1972, p. 61), o ideal seria, ao se estudar uma determinada variável da língua, fazê-lo utilizando-se dos dois métodos, pois “quando abordamos [o mesmo segmento] por duas direções diferentes e obtemos o mesmo resultado, podemos nos sentir confiantes de que superamos o Paradoxo do Observador para contemplar a estrutura que existe independentemente do pesquisador”¹⁸ (1972, p. 61-62).

Infelizmente, não foi possível, por questões de tempo, testar os dados desta pesquisa conforme este segundo método sugerido por Labov para a obtenção de dados. Trata-se, portanto, de uma das possibilidades de expansão deste estudo no futuro.

3.4 Legitimidade e estigmatização

A atuação de fatores sociais em fenômenos de variação linguística pode ser ilustrada também através da questão das variantes estigmatizadas ou de menor prestígio. Como exemplo de estigmatização, temos a realização de *problema* como “pobrema” ([po'brēmə]) forma estigmatizada, em lugar da forma “problema” ([pro'blēmə]), tida como padrão.

A respeito da relação entre escolaridade e estruturas dotadas de prestígio, Mollica (2007) observa que

[e]m princípio, estruturas de maior valor de mercado que recebem avaliação positiva parametrizam-se com alto grau de monitoramento e de letramento. Maior sensibilidade, percepção e planejamento linguístico são, via de regra, pré-condição às formas de prestígio e disposição adequada para eliminarem-se estigmas sociolinguísticos na fala ou na escrita. (p. 13).

Fica claro que a questão do estigma está ligada a prestígio social, que por sua vez está ligado a poder econômico. Segundo Camacho (2005, p. 59), “o mecanismo é simples: como os detentores da variedade de prestígio controlam o poder político das instituições, que emana das relações econômicas e sociais, são também detentores da autoridade de vincular à língua a variedade que empregam”. Assim, as formas detentoras de prestígio social não resultariam de superioridade estética ou funcional, mas apenas do que é definido como belo ou eficiente pelos falantes detentores de prestígio social. Sabe-se que a vocalização da lateral palatal é um fenômeno normalmente estigmatizado no Brasil, mas isto parece ocorrer porque a variante [j]

¹⁸ “...when we approach from two different directions, and get the same result, we can feel confident that we have reached past the Observer’s Paradox to the structure that exists past the analyst.”

está relacionada a valores como vida rural e rusticidade, que perderam prestígio na sociedade brasileira – além da sua relação com a fala africana e indígena, sendo o escravo e o índio elementos que nunca tiveram prestígio. Assim, parece razoável concluir que a estigmatização social não resulta de menor eficiência ou valor estético da semivogal [j] em si, mas sim da avaliação social negativa dos valores sociais aos quais ela está relacionada. No entanto, é preciso salientar que o reconhecimento da variação linguística e da existência de estruturas linguísticas prestigiadas não elimina a necessidade do ensino da norma padrão da língua, uma vez que não se pode negar ao indivíduo a oportunidade de aprender a dominar a adequação das formas linguísticas a diferentes situações sociais.

Sabe-se também que as estruturas de menor prestígio são normalmente atribuídas a classes sociais de menor poder econômico, já que estes são os grupos normalmente tidos como detentores de menores graus de escolaridade. Segundo Pinheiro (2009, p. 92), “a escolaridade dos informantes está atrelada ao grupo social ao qual eles pertencem, isto é, a maioria dos informantes do G2 possui apenas o ensino fundamental e todos os informantes do G1 possuem ensino médio ou superior”. Oliveira (1983) afirma, para a comunidade de Belo Horizonte, que,

se não levarmos em conta a escolaridade e definirmos os grupos sociais em termos de bairro, renda e profissão, observamos que o nível de escolaridade acaba sendo um parâmetro estreitamente ligado à classe social, com percentuais que acompanham os valores na escala social.¹⁹ (p. 53).

Os fatores grupo social e escolaridade estão, portanto, relacionados, pelo menos em Belo Horizonte. Inicialmente, acreditava-se que a esta estrutura social não correspondia a da comunidade de Papagaios, e por isso somente o fator escolaridade foi controlado durante a constituição do *corpus*. Esta observação, no entanto, não se mostrou válida para todas as faixas de idade (cf. capítulo 4, Metodologia).

A seguir, serão listados alguns dos principais fatos que compõem a história do estudo da mudança linguística para que se possa, na sequência, descrever brevemente os modelos neogramático e difusionista.

¹⁹ “...if we abstract from education, and define the social groups in terms of neighborhoods, income and profession only, level of education turns out to be a parameter that comes closely linked with social classes, with percentual values going in the same direction as the values in the social scale.”

3.5 Tópicos relevantes na história do estudo da mudança

O que se chama hoje de Sociolinguística é, em parte, resultado de uma tradição de estudos linguísticos que datam do surgimento da Linguística Histórica em fins do século XVIII. Faraco (2005, p. 129) divide a história da Linguística Histórica em dois grandes períodos: de 1786 a 1878, teria ocorrido a “formação e consolidação do método comparativo”, que logrou estabelecer uma relação de parentesco entre as línguas européias através da investigação das relações sistemáticas existentes entre as línguas aparentadas. De 1878 até nossos dias, estabeleceu-se uma

contínua tensão entre duas linhas interpretativas: uma mais imanentista – continuadora, de certa forma, do pensamento neogramático e caudatária do estruturalismo e, depois, do gerativismo – vê a mudança como um fato primordialmente interno (...). A outra, mais integrativa, que – enraizada nos primeiros críticos dos neogramáticos e fundada nos estudos de dialetologia e, depois, de sociolinguística – entende que a mudança deve ser vista como articulada com o contexto social em que se inserem os falantes, isto é, como um evento condicionado por uma conjunção de fatores internos (estruturais) e externos (sociais) (FARACO, 2005, p. 129-130).

Assim, perdura a polêmica entre os partidários de uma visão imanentista da mudança e aqueles que, como os sociolinguistas, acreditam que a influência dos fatores sociais pode ser investigada de maneira sistemática, sem desconsiderar, é claro, a atuação dos fatores internos na variação e na mudança.

3.5.1 O modelo neogramático

O trabalho descritivo dos linguistas comparatistas deu origem à teoria neogramática, segundo a qual as mudanças linguísticas se originariam no indivíduo falante e possuiriam regularidade absoluta, ou seja, “as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente, em todas as palavras, não admitindo exceções” (FARACO, 2005, p. 142). Segundo a tradição neogramática, a unidade básica da mudança seria o som e não a palavra, ou seja, “a mudança fonológica é foneticamente gradual, no sentido de que avança através de etapas imperceptíveis, mas é lexicalmente abrupta, no sentido de que afeta todas as palavras simultaneamente” (TARALLO, 1990, p. 68). Assim, os neogramáticos construíram uma teoria da mudança segundo a qual esta seria foneticamente gradual e lexicalmente abrupta.

Os neogramáticos postulavam que os únicos casos possíveis de exceções à regularidade da mudança seriam em caso de empréstimo (influência de outra língua), de

analogia ou de desconhecimento do princípio atuante na mudança em questão. A mudança por analogia, segundo Faraco (2005, p. 143-144), seria uma “alteração na forma fonética de certos elementos de uma língua por força de seus paradigmas gramaticais regulares”, isto é, através de uma “interferência do plano gramatical no plano fônico”. Um exemplo célebre de analogia é a mudança da palavra latina “honor” (honra) para “honos”. Segundo Faraco,

[o]s estudos comparativistas mostram que o **s* original reconstruído do indo-europeu manteve-se em posição inicial e final de palavras em latim, mas mudou para *r* em posição intervocálica. Assim, numa fase anterior em que só ocorria *s* (...), chegou-se a uma fase em que *s* só ocorria no nominativo (em posição final de palavra, portanto) e *r* nas demais formas da declinação. (...) [A] forma *honos* resultante de mudança sonora regular e atestada nos escritores mais antigos foi substituída por *honor* por pressão analógica do padrão morfológico das palavras terminadas em *r* (...). (p. 144-145).

Assim, a analogia, ao pretender explicar esta aparente irregularidade, permitia que se mantivesse o princípio da regularidade da mudança. Todos os outros casos de variação estariam previstos nas chamadas leis fonéticas, que regiam as mudanças sonoras e que “aplicavam-se a todos os casos submetidos às mesmas condições” (FARACO, 2005, p. 143).

Para os neogramáticos, fatores fonéticos seriam os únicos capazes de iniciar um processo de mudança. Assim, ao surgir, esta linha de pensamento desconsiderou a possível influência de fatores sociais no desencadeamento de processos de mudança linguística.

Outras críticas comumente feitas ao modelo neogramático dizem respeito à aplicação de um termo absoluto como “lei” a fenômenos históricos (FARACO, 2005, p. 148). Surgiram também estudos que mostravam processos irregulares de mudança que não podiam ser explicados por analogia ou empréstimo. Esses casos eram atribuídos pelos neogramáticos a leis sonoras ainda não descobertas²⁰ (JANKOWSKY, 1991, p. 224). No entanto, a própria atribuição de possíveis irregularidades a princípios ainda desconhecidos expunha uma grande fragilidade da teoria neogramática, que se via incapaz de fornecer uma explicação para esses dados.

Apesar dessa aparente fragilidade, é fato que a explicação para irregularidades pode mesmo surgir a partir de novos estudos, demonstrando a força do modelo neogramático através dos refinamentos de regras que regem as mudanças sonoras. Foi o que ocorreu com a lei de Grimm, publicada em 1822, que propunha correspondências sonoras sistemáticas resultantes de mudanças que afetaram apenas as línguas germânicas oriundas do proto-indo-europeu. As regras propostas por Grimm, no entanto, apresentavam exceções, que mais tarde foram explicadas através de leis propostas por Grassman, em 1862, e Verner, em 1877. A

²⁰ “Where exceptions are observed, they are believed to be due either to another sound law not yet detected or to the intervening force of analogy. No other possibility exists.”

partir daí, as exceções foram reduzidas a um resíduo desconsiderável (JANKOWSKY, 1991, p. 224; CAMPBELL, 1999, p. 136-146). Essas novas leis refinaram a proposta de Grimm e reforçaram a tese dos neogramáticos de que a mudança sonora não admitia exceções. Segundo Campbell (1999, p. 146), esta foi “uma das conclusões mais significativas da história da linguística.”²¹

3.5.2 O modelo da Difusão Lexical

O modelo da Difusão Lexical (WANG, 1969), doravante DL, foi desenvolvido a partir dos primeiros estudos de dialetologia, que permitiam questionar a regularidade das mudanças linguísticas. Esse modelo toma como unidade de análise para o estudo da mudança a palavra, em oposição ao som. Uma mudança pode propagar-se de uma palavra para outras, mas não atinge necessariamente todo o léxico da língua, já que, segundo esse modelo, cada palavra tem sua própria história. Segundo o modelo da DL, a mudança sonora atingiria cada item individualmente, isto é, ela seria foneticamente abrupta e lexicalmente gradual, em oposição aos postulados neogramáticos. Neste modelo, uma mudança pode ocorrer inicialmente em algumas palavras e propagar-se para outras com estrutura sonora semelhante, o que não impede que algumas fiquem permanentemente sem alteração. Assim, o modelo da DL “não descarta a regularidade; o que ele faz é permitir a existência de irregularidades” (OLIVEIRA, 1991).

Para o modelo da DL a palavra, aliada a outros fatores externos ao sistema linguístico em si, influencia as mudanças linguísticas. Este modelo não exclui a possibilidade de condicionamento fonético, mas incorpora a possibilidade de mudanças sonoras sem condicionamento fonético – algo que o modelo neogramático não permite. Segundo a DL, para compreender a mudança seria necessário considerar a individualidade dos itens lexicais para chegar às razões pelas quais certos itens mudam e outros não, ou por que a mudança se inicia por alguns itens específicos.

3.5.3 Neogramáticos vs. Difusão Lexical

Embora tenha publicado vários estudos com evidências consistentes em favor do modelo neogramático, Labov reconhece que tal modelo não dá conta de explicar todas as

²¹ “...one of the most significant conclusions in the history of linguistics.”

mudanças linguísticas e apresenta o caso da alternância entre o retesamento de /ae/ breve (tenso/frouxo) nas comunidades de Nova Iorque e da Filadélfia (LABOV, 1981). Nesse trabalho, Labov constata que, de sete mudanças pesquisadas, seis são explicáveis pelos princípios neogramáticos. O autor propõe, então, que sejam observados os tipos de mudança segundo os processos através dos quais estas mudanças se deram. Observa, assim, algumas regularidades, tais como:

- a. Alongamentos e abreviamentos de vogal tendem a ocorrer por difusão lexical.
- b. Mudanças no ponto de articulação de consoantes têm mais chances de ocorrer por difusão lexical do que mudanças no seu modo de articulação.

A proposta de Labov para a resolução da polêmica envolvendo a questão da oposição entre difusionistas e neogramáticos consiste, portanto, num reconhecimento de que as duas teorias têm algo de correto. Labov (1994) discute brevemente o tratamento que vem recebendo a oposição entre o pensamento Neogramático e a hipótese da Difusão Lexical, chamando a atenção para a necessidade de se desenvolver uma teoria da mudança linguística ajustada às evidências de ambos processos.

Ainda nesse trabalho, o autor propõe uma distinção entre mudanças abstratas (*high level*) e mudanças de reajuste fonético (*low level*). As mudanças abstratas seriam aquelas que ocorrem nos itens lexicais individualmente, podendo ou não se espalhar por todo o léxico, ou seja, são as mudanças ocorridas por difusão lexical. As mudanças de reajuste fonético seriam aquelas motivadas por fatores internos, isto é, seriam foneticamente condicionadas e explicáveis pelo modelo neogramático (LABOV, 1981).

Acredita-se que a variação da lateral palatal em Papagaios sofra influência de fatores fonológicos, lexicais e sociais. Como será mostrado adiante, não se trata de uma mudança foneticamente condicionada, mas apenas influenciada, ao que parece, por fatores fonológicos. Mostra-se, também, que é possível que a variável <ʎ> seja imune à variação em alguns itens (como *muiezada* e *batalhão*), e sensível a fatores fonológicos, lexicais, sociais e estilísticos.

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os objetivos e hipóteses sobre os quais se baseou este trabalho e os métodos empregados para coletar, preparar e analisar os dados obtidos para constituir o *corpus* de fala de Papagaios.

4.1 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é descrever o fenômeno de vocalização da lateral palatal em Papagaios através de uma perspectiva variacionista, isto é, busca-se controlar a atuação de fatores internos (vogal precedente, vogal seguinte, posição da variável em relação ao acento) e de fatores sociais (gênero, escolaridade e idade). Pretende-se, através desta análise, verificar se:

- 1) esse fenômeno em Papagaios está relacionado a fatores fonológicos e de que forma essa relação está presente nos dados;
- 2) há relação entre características do item lexical como frequência, expressão cristalizada e natureza do nome (próprio ou comum) e a vocalização;
- 3) esse fenômeno em Papagaios está relacionado a fatores sociais e de que forma essa relação está presente nos dados.

4.2 Hipóteses

Para atingir os objetivos relacionados acima, partiu-se da hipóteses descritas a seguir.

4.2.1 Assimilação

A iotização em Papagaios é resultado de um processo de assimilação. Embora os trabalhos realizados na comunidade de Belo Horizonte apontem para a neutralidade dos fatores fonológicos em relação à vocalização da lateral palatal, acredita-se que essa hipótese também deva ser testada para os dados do *corpus* de Papagaios, uma vez que a) a assimilação é o processo fonológico mais comum (KENSTOWICZ, 1994, p. 21) e b) uma análise variacionista não estaria completa sem levar em consideração os fatores internos. Assim, é razoável propor que as vogais foneticamente mais próximas da semivogal [j] tendam a

favorecer a variante vocalizada. Os fatores vogal precedente, vogal seguinte e posição em relação à sílaba tônica foram escolhidos com base em Silva (2005, p. 119) e nos trabalhos de Madureira (1987) e Pinheiro (2009).

4.2.2 O fator item lexical

Através de observações intuitivas, percebeu-se que a iotização em Papagaios pode estar ligada ao fator item lexical, com alguns itens mostrando-se mais resistentes à variação do que outros. Alguns nomes próprios, por exemplo, pareciam apresentar taxa de vocalização acima da média. Elaborou-se, então, a hipótese de que nomes próprios apresentariam maior percentual de [j] – presumindo-se que esta era a pronúncia categórica na região quando de sua colonização pelos paulistas.

Outras hipóteses relacionadas ao item lexical dizem respeito a a) relação entre vocalização e frequência do item: a vocalização deve ser maior em itens mais frequentes e b) relação entre vocalização e expressão cristalizada: a vocalização deve ser mais frequente em itens que integram expressões cristalizadas.

4.2.3 O fator gênero

A iotização em Papagaios sofre influência do fator gênero, com favorecimento da variante [j] pelo sexo masculino, uma vez que as mulheres tendem a evitar formas estigmatizadas (cf. seção 3.2 deste trabalho)²². Os trabalhos realizados em Belo Horizonte também apontam para um favorecimento do gênero masculino.

4.2.4 O fator escolaridade

A iotização em Papagaios sofre influência do fator escolaridade, com os grupos escolarizados favorecendo a variante [j] (cf. seção 3.2 deste trabalho). Os trabalhos realizados em Belo Horizonte também apontam para um favorecimento da variante [j] pelos falantes menos escolarizados.

²² Na verdade, pesquisas sugerem que as mulheres pertencentes a grupos socioeconômicos intermediários são as que têm mais propensão a atuarem como líderes das mudanças linguísticas. Cf. LABOV, 1994, p. 156 e 409; MEYERHOFF, 2005, p. 213.

4.2.5 O fator idade

A iotização em Papagaios sofre influência do fator idade, com os grupos mais idosos favorecendo a variante [j] (cf. seção 3.2 deste trabalho). Embora os trabalhos conduzidos em Belo Horizonte tenham apontado para a estabilidade da variável, há também trabalhos que apontam para processos de mudança em progresso envolvendo a lateral palatal (CASTRO, 2006). Partiu-se da hipótese de que a iotização em Papagaios seja favorecida pela faixa etária mais idosa devido ao fato de esta região fazer parte, segundo se acredita, de uma área que foi colonizada por falantes que não possuíam a lateral palatal [ʎ] no seu inventário fonético – os falantes do chamado dialeto caipira. Assim, a lateral palatal teria sido introduzida na comunidade por volta do início do século XX, quando começou a se dar o processo de escolarização da população e urbanização do município (cf. capítulo 1).

4.2.6 Outras hipóteses

Ao longo da análise, surgiu outra hipótese que não se havia contemplado quando da coleta de dados que visava constituir o *corpus* de Papagaios. O controle do fator estilo de fala permitiria testar a hipótese de que determinados itens seriam mais frequentes em determinados estilos de fala, devido aos assuntos mais pertinentes a cada grau de formalidade; o item *família*, por exemplo, pode estar mais relacionado à reflexão sobre a família como instituição e o item *filha* pode estar mais ligado a narrativas pessoais, o que causaria a diferença que se verificou na taxa de vocalização desses itens (cf. seção 5.2.2).

4.3 Fatores da análise

Com base nas hipóteses apresentadas acima, os itens foram codificados segundo os seguintes critérios no Microsoft Excel:

1. Item lexical;
2. Idade;
3. Gênero;
4. Escolaridade;
5. Natureza do nome;
6. Vogal precedente;
7. Vogal seguinte;

8. Posição da variável em relação à sílaba tônica.

Os fatores 2 a 8 foram rotulados no Microsoft Excel de maneira a permitir o transporte de dados para o Goldvarb X. Isto não foi feito em relação ao fator 1 devido ao fato de o número de itens exceder o número de símbolos disponíveis para representá-los²³.

4.4 Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas conforme a metodologia da Teoria da Variação descrita por Tarallo (1985). Foram entrevistadas somente pessoas nascidas em Papagaios, sem distinção entre área rural e urbana com relação ao nascimento. No momento da entrevista, no entanto, todos os informantes moravam na zona urbana. Por se tratar de uma cidade ainda jovem que se tornou município apenas em 1954 e que recebeu nas décadas posteriores uma quantidade muito grande de migrantes que vieram a suprir a necessidade de mão-de-obra para os setores de extração e beneficiamento de pedra ardósia, não foi possível selecionar apenas informantes que tivessem pais nascidos em Papagaios.

A fim de justificar a entrevista aos informantes, a autora disse a eles que estava fazendo um trabalho sobre a história de Papagaios e a atual relação dos habitantes com a cidade, o que lhe permitiu fazer às pessoas vasta gama de perguntas pessoais sem causar-lhes estranheza. Foi solicitado aos informantes que narrassem suas lembranças a respeito do passado da cidade, principalmente no que se refere a pessoas que tiveram destaque pelos mais variados feitos e que, portanto, fazem parte da memória coletiva dos habitantes e até mesmo do folclore do lugar. Foram feitas também perguntas a respeito de política, infância, trabalho, família e interesses pessoais, conforme a necessidade de se obterem diferentes estilos de fala e de se prolongar a entrevista.

Quanto à localização de informantes, a ideia inicial era abordar apenas pessoas já conhecidas da autora deste trabalho. Porém, isto se mostrou impossível logo de início. Assim, quando o informante era um desconhecido, solicitou-se a presença de um “mediador”, ou seja, um indivíduo que tinha afinidade tanto com a entrevistadora quanto com o informante. Isto

²³ Acredita-se, porém, que rotular os itens lexicais mais frequentes do *corpus* até o limite de símbolos disponíveis seria produtivo a fim de se obter uma análise propriamente estatística do item através do Goldvarb X.

foi levado a cabo devido ao clima de informalidade que criava a presença dessa terceira pessoa, que era convidada, é claro, a participar da conversa sempre que lhe aprouvesse²⁴.

Foram entrevistadas 24 pessoas, sendo 12 pertencentes à faixa etária 1 (FE 1, pessoas entre 20 e 40 anos) e 12 pertencentes à faixa etária 2 (FE 2, pessoas entre 40 e 60 anos). Em cada grupo de faixa etária, 6 informantes são mulheres (M) e 6 são homens (H). Dentro de cada grupo de gênero, 2 pessoas iniciaram ou completaram apenas o Ensino Fundamental (EF); 2 pessoas completaram o Ensino Médio (EM); e 2 pessoas completaram o Ensino Superior (ES). O quadro abaixo ilustra esse plano:

Quadro 1 — Esquema de agrupamento de informantes

Informantes	Faixa etária	Gênero	Escolaridade
24 informantes entre 20 e 60 anos de idade nascidos em Papagaios	12 FE1	6 H	2 EF
			2 EM
			2 ES
		6 M	2 EF
			2 EM
			2 ES
	12 FE2	6 H	2 EF
			2 EM
			2 ES
		6 M	2 EF
			2 EM
			2 ES

Foi usado para as gravações um gravador de voz da marca Panasonic, modelo RR-US510, que grava em alta qualidade e armazena o áudio em arquivos do formato MP3. Sempre que possível, as entrevistas foram conduzidas em locais silenciosos, para evitar a perda de dados. As entrevistas tiveram duração mínima de trinta e máxima de cinquenta minutos.

²⁴ Embora eu tivesse consciência de que a presença do “mediador” poderia dificultar a transcrição dos dados, acredito que o benefício tenha superado o dano neste caso, especialmente porque os mediadores sabiam dos meus objetivos e colaboraram com eles.

A cada entrevista, foi preenchida uma ficha do informante (cf. anexos) e assinado o termo de consentimento através do qual o informante autorizou o uso de forma anônima dos dados obtidos para fins científicos (cf. anexos).

4.5 Transcrição de dados

A transcrição de dados linguísticos representa um problema para a análise, uma vez que é muito difícil transcrever traços como diferenças de entonação e de altura da voz. No entanto, uma vez que não há evidências de que esses traços sejam relevantes para o tratamento do objeto de estudo desta pesquisa, optou-se por não registrá-los, simplificando, assim, o processo e o resultado final da fase de transcrição das entrevistas.

A transcrição dos dados desta pesquisa foi feita através da digitação do áudio das entrevistas em vinte e quatro arquivos de texto separados. Foi feita de forma integral e segundo critérios adaptados daqueles estabelecidos pelo Projeto Pelas Trilhas de Minas, que congrega pesquisas de diferentes regiões de Minas situadas na rota das bandeiras:

- a. não foram registrados fenômenos categóricos, como o alçamento das postônicas;
- b. foi registrado o alçamento e abaixamento de pretônicas;
- c. foram registradas as reduções dos ditongos, a ausência do –r no fim de nomes, como em “dotô”, a ausência do –m final, como em “home” e as próteses;
- d. não foi registrada a supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais. Por serem estes fenômenos extremamente comuns na comunidade em questão, seu registro acarretaria não só enorme atraso nas transcrições, como também estas seriam sobrecarregadas de símbolos desnecessários;
- e. foram registrados os fenômenos de aglutinação;
- f. os pronomes ele, ela, eles, elas e eu foram grafados como realizados;
- g. o texto da transcrição não foi pontuado a não ser por interrogações. Pausas foram indicadas por reticências (...) e truncamentos por barra (/);
- h. comentários do entrevistador foram transcritos entre parênteses duplos (());
- i. discurso direto foi indicado por aspas;
- j. ênfase de palavras ou frases foi indicada pela sua transcrição em maiúsculas;
- k. as frases foram iniciadas com letra minúscula.

Dessa forma, acredita-se que será possível transcrever adequadamente os dados de fala obtidos, mas, segundo Paiva (2007b, p. 146), é “importante lembrar que não existe transcrição

de dados linguísticos perfeita e incontestável, dado que essa atividade envolve, inevitavelmente, um componente subjetivo”.

4.6 Catalogação de dados

Após a transcrição, os dados foram listados em uma planilha do programa Microsoft Excel contendo as seguintes colunas e foram codificados da seguinte forma:

- 1) Item lexical – itens iguais podem ser agrupados através dos filtros de coluna;
- 2) Aplicação da regra de vocalização – 1 (sim); 2 (não);
- 3) Idade – 1 (20 a 40 anos); 2 (40 a 60 anos);
- 4) Gênero – 1 (feminino); 2 (masculino);
- 5) Escolaridade – 1 (Ensino Superior completo); 2 (Ensino Médio completo); 3 (Ensino Fundamental completo);
- 6) Nome próprio/comum – 1 (próprio); 2 (comum);
- 7) Vogal precedente – 1 ([a]); 2 ([ɛ]); 3 ([e]); 4 ([i]); 5 ([ɔ]); 6 ([o]) e 7 ([u]);
- 8) Vogal seguinte - 1 ([a]); 2 ([ɛ]); 3 ([e]); 4 ([i]); 5 ([ɔ]); 6 ([o]) e 7 ([u]);
- 9) Posição em relação à sílaba tônica – 1 (pré-tônica); 2 (tônica); 3 (pós-tônica).

4.7 Análise

Após catalogados no Microsoft Excel, os dados foram transportados para um arquivo de texto onde as colunas foram unidas, formando linhas de código que foram então copiadas para um arquivo de *tokens* em um programa de regras variáveis, o Goldvarb X, disponível gratuitamente na internet. Este programa foi desenvolvido para a análise de regras variáveis, como resultado do desenvolvimento da noção de estudo quantitativo da variação. Sua proposta é ajudar o linguista a identificar padrões nos dados e opor variações aleatórias a variações conectadas a fatores conhecidos. Para detalhes sobre o funcionamento do programa, ver Tagliamonte, 2006, capítulo 7.

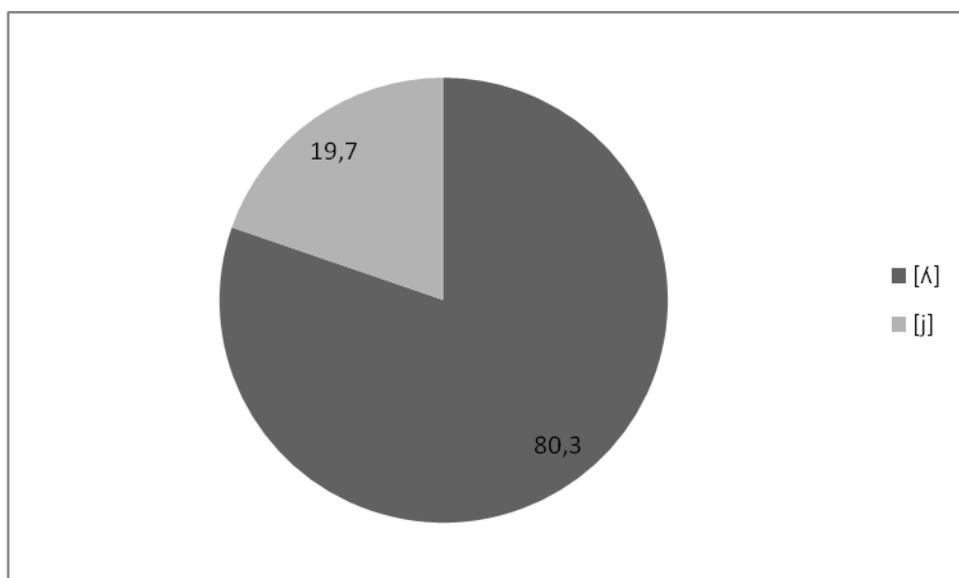
O próximo capítulo trata da análise dos fatores estruturais e sociais.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS FATORES ESTRUTURAIS E SOCIAIS

Este capítulo trata da análise dos fatores estruturais e sociais considerados na análise do *corpus* oral de Papagaios em relação à variação da lateral palatal. É apresentada a análise dos fatores fonológicos (vogal precedente, vogal seguinte e posição da variável em relação ao acento), do item lexical (frequência, expressões cristalizadas e natureza do nome) e dos fatores sociais (gênero, escolaridade e idade).

O gráfico abaixo mostra a distribuição geral das variantes [ʎ] e [j] na amostra que foi utilizada nesta pesquisa.

Gráfico 1 — Distribuição das variantes [ʎ] e [j]



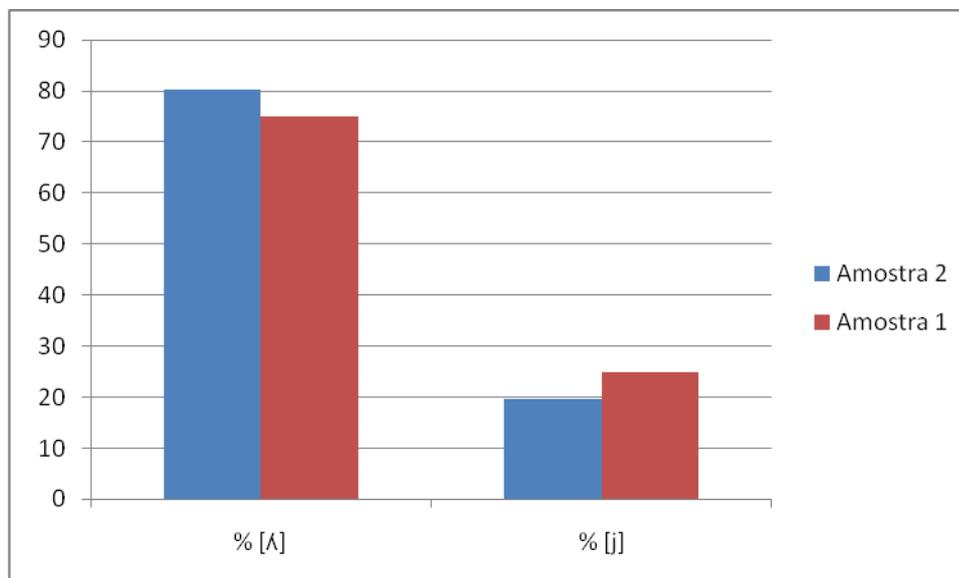
A amostra teve um total de 1328 ocorrências da variável <ʎ>. Conforme mostra o gráfico, a variante [ʎ] esteve presente em 80,3% dessas ocorrências (1066 ocorrências no total) e a variante [j] esteve presente em 19,7% das ocorrências (262 ocorrências no total).

O gráfico abaixo mostra uma comparação entre a distribuição geral das variantes [ʎ] e [j] na amostra atual (Amostra 2) e em uma amostra anterior coletada em Papagaios (Amostra 1)²⁵, que incluía apenas 8 informantes e não incluía o fator idade. Na Amostra 1, a variável

²⁵ A Amostra 1 foi constituída entre 2008 e 2009 e os 432 dados obtidos foram utilizados em uma monografia de fim de curso entregue à Faculdade de Letras da UFMG. A amostra atual, Amostra 2, foi colhida entre 2008 e 2011, e foi ampliada a partir da Amostra 1.

<ʎ> ocorreu 432 vezes; a variante [ʎ] ocorreu 324 vezes, isto é, em 75% dos dados, e a variante [j] ocorreu 108 vezes, isto é, em 25% dos dados (BISCARDI & DOGLIANI, 2011).

Gráfico 2 — Distribuição das variantes em duas amostras



Conforme mostra o Gráfico 2, a variante [ʎ] sofreu um leve aumento de realização entre a Amostra 1 e a Amostra 2, o que pode ser atribuído à maior realização dessa variante entre a faixa etária mais jovem (20-40 anos), que não estava presente na Amostra 1 (cf. seção 5.3.2).

5.1 Fatores fonológicos

Segundo Silva (2005, p. 119), “os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram”, e, segundo Kenstowicz (1994, p. 21), a assimilação é o processo fonológico mais comum. Esperava-se, portanto, que os traços [+alta], [+anterior] e [-arredondada] favorecessem a presença da variante vocalizada [j], já que foneticamente este glide é uma vogal [i], que possui tais traços (cf. seção 2.1). Esperava-se, também que as sílabas átonas favorecessem a presença de [j], já que a sílaba átona é mais suscetível a processos fonológicos (Silva, 2005, p. 119).

Acredita-se que a variante vocalizada [j] possa ser compreendida como resultante de desligamento do traço consonantal da consoante lateral palatal, que pode, então, ser realizada como um segmento vocálico foneticamente semelhante à vogal [i] (o glide [j]), de acordo com

a interpretação fornecida pela teoria da Fonologia de Geometria de Traços (CLEMENTS & HUME, 1995).

A análise dos fatores fonológicos neste trabalho incluiu os fatores vogal precedente, vogal seguinte e posição em relação à sílaba tônica e foi realizada através do programa Goldvarb X seguindo as instruções de Tagliamonte (2006) sobre como operar o programa e interpretar seus resultados.

Os dados para cada fator serão apresentados da seguinte maneira: na seção 5.1.1, apresentam-se os resultados da análise do fator vogal precedente. Na seção 5.1.2, apresentam-se os resultados da análise do fator vogal seguinte e na seção 5.1.3 apresentam-se os resultados da análise do fator posição em relação ao acento. Em cada seção, apresentam-se, primeiro, a distribuição das variantes [ʌ] e [j], na forma de percentuais, para o fator em questão. Em seguida, apresentam-se os agrupamentos de vogais que tornaram viável a análise pelo Goldvarb X. Logo depois, apresentam-se os traços das vogais apontados como relevantes pelo Goldvarb X.

5.1.1 Vogal precedente

O fator vogal precedente subdivide-se nas vogais [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o] e [u], que se exemplificam através das palavras *baralho*, *evangelho*, *joelho*, *milho*, *olhos*, *olho*, *mulher*, respectivamente. Não foram incluídas no fator vogal precedente as vogais nasais porque não se tem notícia de vogais nasais ocorrendo em contexto precedente à variável <ʌ>.

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes [ʌ] e [j] no *corpus* de Papagaios segundo o fator vogal precedente.

	[j]	% [j]	[ʌ]	% [ʌ]	Total	%
[a]	100	25,9	286	74,1	386	29,1
[ɛ]	22	26,5	61	73,5	83	6,2
[e]	11	19,3	46	80,7	57	4,3
[i]	83	13,7	523	86,3	606	45,6
[ɔ]	15	34,9	28	65,1	43	3,2
[o]	12	17,1	58	82,9	70	5,3
[u]	19	22,9	64	77,1	83	6,2
Total	262	19,7	1066	80,3	1328	100

A tabela mostra que a vogal precedente [ɔ] é a que mais favorece a variante vocalizada, com 34,9% de frequência de [j], seguida pela vogal [ɛ], com 26,5%. A vogal [a] apresenta 25,9% de frequência de [j] e a vogal [u], 22,9%. Não foram encontradas explicações fonológicas para tais favorecimentos, a partir do que se propõe a hipótese não verificada de que esteja havendo interferência de itens lexicais específicos. Há que se atentar para o fato de que o número de ocorrências correspondentes à vogal [ɔ], mostrada pela tabela como a mais favorecedora de vocalização, é muito reduzido – apenas 43 ocorrências. Daí a necessidade de realizar uma análise propriamente estatística a fim de se verificar a relevância dos percentuais mostrados pela tabela.

Para realizar a análise estatística dos dados, surgiu a necessidade de agrupar as vogais segundo categorias mais gerais²⁶ do que as apresentadas na tabela 1 acima, seguindo em parte a proposta de Silva (2005, p. 71) para a descrição das vogais do português segundo três critérios: altura da língua, anterioridade/posterioridade da língua e arredondamento dos lábios. Silva propõe quatro alturas de língua (alta, média-alta, média-baixa e baixa), três posições da língua quanto à anterioridade/posterioridade (anterior, central e posterior) e duas possibilidades quanto ao arredondamento dos lábios (arredondado e não-arredondado). Nesta análise, foi preciso adotar um sistema de oposição binária devido aos problemas apresentados na distribuição dos dados. O quadro abaixo mostra o reagrupamento de fatores e sua recodificação.

Quadro 2 — Recodificação dos fatores vogal precedente e vogal seguinte à variável <Λ>

	Vogais incluídas
[+alta]	[i], [ĩ], [u], [ũ]
[-alta]	[e], [ê], [ɛ], [o], [ô], [ɔ], [a]
[+anterior]	[e], [ê], [ɛ], [i], [ĩ]
[-anterior]	[u], [ũ], [o], [ô], [ɔ], [a]
[+arredondada]	[u], [ũ], [o], [ô]
[-arredondada]	[e], [ê], [ɛ], [i], [ĩ], [a]

²⁶ Uma vez que se tiver mais dados da comunidade, pode-se tentar fazer uma análise mais refinada, mas, por enquanto, parece ser mais produtivo agrupar essas vogais em um menor número de categorias.

Como se pode ver, esse reagrupamento teve como base os traços das vogais relacionados à altura e anterioridade da língua e arredondamento dos lábios, com o objetivo de verificar se haveria algum traço das vogais precedentes e seguintes à variável que favoreceria a realização vocalizada de /ʌ/, colocando à prova, assim, a hipótese de assimilação. Ao se fazer o cruzamento de fatores levando-se em conta esta recodificação, viu-se que as células vazias foram quase totalmente eliminadas²⁷.

A tabela abaixo mostra os traços relativos à vogal precedente selecionados pelo Goldvarb X dentre os traços listados no quadro 2.

Tabela 2 — Favorecimentos selecionados pelo Goldvarb X: vogal precedente

Log likelihood	-628.227		
Total de dados	1328		
Vogal anterior: altura	Peso	% de [j]	[j]/T
[+alta]	.44	14,8	102/689
[-alta]	.56	25	160/639

A tabela 2 mostra que o resultado da análise pelo Goldvarb apresenta a realização [j] como favorecida por segmentos com a característica vogal anterior [-alta] (.56). Esperar-se-ia, para este traço, um resultado neutro, uma vez que as variantes [ʌ] e [j] são altas.

5.1.2 Vogal seguinte

O fator vogal seguinte subdivide-se nas vogais [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o] e [u] e suas correspondentes nasais. Como exemplos de palavras com essas vogais em posição de vogal seguinte, temos *ajoelhava*, *mulher*, *escolheu*, *colhido*, *filhote*, *melhorar*, *milho*. Não foram incluídas nesta análise as vogais finais [ɔ], [ə] e [ɪ] porque, como essas vogais só ocorrem em sílaba pós-tônica, a interação entre este fator e a posição em relação ao acento prejudicaria a análise pelo Goldvarb X.

A tabela 3 abaixo mostra a distribuição de [ʌ] e [j] segundo vogal seguinte.

²⁷ Não foi possível eliminar as células vazias no fator posição em relação ao acento. A união de sílaba pré-tônica e sílaba pós-tônica, que têm em comum a característica sílaba átona, não eliminaria as poucas células vazias que restaram. Optou-se, portanto, por não fazer reagrupamento de fatores e sim analisar este fator separadamente.

Tabela 3 — Vogal seguinte à variável <Λ>

	[j]	% [j]	[Λ]	% [Λ]	Total	%
[a]	138	21,5	505	78,5	643	48,4
[ã]	1	1,9	53	98,1	54	4,1
[ε]	14	24,1	44	75,9	58	4,4
[e]	9	19,6	37	80,4	46	3,5
[ẽ]	0	0	1	100	1	0,1
[i]	1	12,5	7	87,5	8	0,6
[ĩ]	3	27,3	8	72,2	11	0,8
[ɔ]	4	4,3	90	95,7	94	7,1
[o]	2	2,1	94	97,9	96	7,2
[õ]	0	0	1	100	1	0,1
[u]	90	28,5	226	71,5	316	23,8
Total	262	19,7	1066	80,3	1328	100

A tabela 3 mostra que a vogal seguinte que mais favorece a variante vocalizada é a vogal [u], com 28,5%, seguida das vogais [ĩ], com 27,3%, e [ε], com 24,1%. Não foram encontradas explicações para tais favorecimentos fonológicos, a partir do que se propõe, conforme seção anterior sobre o fator vogal precedente, a hipótese não verificada de que esteja havendo interferência de itens lexicais específicos. Ressalta-se que, assim como ocorreu para o fator vogal precedente, alguns favorecimentos apresentam número muito reduzido de ocorrências, o que torna ainda mais necessária a análise estatística. Como mostra a tabela 3, a vogal nasal [ĩ], com 27,3% de vocalização, ocorreu em apenas 11 itens, ou 0,6% do total de itens.

Conforme apresentado na seção anterior (5.1.1), as vogais tiveram de ser reagrupadas segundo seus traços a fim de possibilitar a análise estatística pelo Goldvarb X (cf. quadro 2). A tabela seguinte mostra os favorecimentos apontados como relevantes pelo Goldvarb X em relação ao fator vogal seguinte.

Tabela 4 — Favorecimentos selecionados pelo Goldvarb X: vogal seguinte

Log likelihood		-628.227		
Total de dados		1328		
Vogal	seguinte:	Peso	%	[j]/T
altura				
[+alta]		.75	28,1	94/335
[-alta]		.41	16,9	168/993
Vogal	seguinte:	Peso	%	[j]/T
arredondamento				
[+arredondada]		.34	18,9	96/507
[-arredondada]		.60	20,2	166/821

O resultado da análise pelo Goldvarb mostra que a realização [j] é favorecida, em relação ao fator vogal seguinte, por segmentos com as características [+alta] (.75) e vogal seguinte [-arredondada] (.60). O favorecimento pela vogal [-arredondada] condiz com a hipótese de assimilação. No entanto, para a vogal mais alta, esperar-se-ia um resultado mais neutro, uma vez que as duas variantes, [ɰ] e [j], são altas. É possível que esteja havendo, tanto para a vogal seguinte quanto para a vogal precedente, a interferência, não testada neste trabalho, de itens lexicais específicos.

Comparando os resultados de Papagaios com os que obteve Pinheiro (2009) para a comunidade de Belo Horizonte, percebe-se que os resultados de Papagaios confirmam apenas parte desses resultados²⁸, o que pode se dever à influência de outros fatores que serão explicitados ao longo da análise.

5.1.3 Posição em relação ao acento

O fator posição em relação à sílaba tônica incluiu os fatores sílaba pré-tônica, sílaba tônica e sílaba pós-tônica, conforme ilustram os exemplos *mulherada*, *melhor* e *atrapalha*.

A tabela abaixo, 5, mostra as porcentagens para a posição em relação ao acento.

²⁸ A realização [j] em Pinheiro (2009) foi favorecida, no contexto precedente, por vogal [+alta], [-anterior] (vogal posterior, na análise da autora) e [+arredondada]. Nos dados de Papagaios, apenas o traço [-alta] aparece como relevante. Quanto ao contexto seguinte, a realização [j] em Pinheiro (2009) foi favorecida por vogal [+anterior] (vogal frontal, na análise da autora) e [+alta]. Em Papagaios, os favorecimentos em contexto seguinte foram detectados nos traços [+alta] e [-arredondada].

Tabela 5 — Posição de <ʎ> em relação ao acento

	[j]	% [j]	[ʎ]	% [ʎ]	Total	%
Sílaba tônica	68	16,5	343	83,5	411	30,9
Sílaba pré-tônica	7	6,8	96	93,2	103	7,8
Sílaba pós-tônica	187	23	627	77	814	61,3
Total	262	19,7	1066	80,3	1328	100

Os dados da tabela apontam para um possível favorecimento da variante vocalizada em sílaba pós-tônica (23%), com desfavorecimento da sílaba pré-tônica (6,8%).

A relevância estatística desses percentuais foi testada através do Goldvarb X. O fator posição em relação ao acento não precisou de recodificação, uma vez que foi analisado separadamente em relação a contexto precedente e contexto seguinte²⁹, e subdivide-se em sílaba pré-tônica, tônica e pós-tônica. A tabela abaixo mostra os resultados da análise estatística desse fator pelo programa.

Tabela 6 — Posição em relação ao acento: pesos relativos

Posição em relação ao acento	Peso	% de [j]	[j]/N
Sílaba pré-tônica	.24	6,8	7/103
Sílaba tônica	.46	16,5	68/411
Sílaba pós-tônica	.56	23	187/814

A tabela mostra que a sílaba tônica e pós-tônica estão próximas da neutralidade (.46 e .56), enquanto a sílaba pré-tônica desfavorece a realização [j] (.24). Note-se que o número de ocorrências da lateral palatal em posição pré-tônica é baixo em relação às outras posições (103 contra 411 e 814). Pinheiro (2009) encontrou resultados parecidos em Belo Horizonte: a posição tônica e pós-tônica apresentaram comportamento parecido em relação à variante [j], e a sílaba pré-tônica apresentou desfavorecimento em relação a essa variante. O número de

²⁹ Como o fator vai ser analisado sozinho, não precisou fazer parte das tabulações cruzadas. Quando fez, gerou células vazias. Este fator causou interferência na análise, pois gerava células vazias na tabulação cruzada e diferenciava a *best step-up run* da *best step-down run* na análise binomial de vários níveis, e por isso foi analisado separadamente.

ocorrências da variável <ɫ> em sílaba pré-tônica, assim como no *corpus* de Papagaios, foi baixo: em um corpus de 1624 itens, apenas 48 apresentaram a variável <ɫ> em sílaba pré-tônica e, desses 48, apenas 8 apresentaram vocalização (PINHEIRO, 2009, p. 66).

5.2 Item lexical

Algumas tendências relacionadas aos itens lexicais serão analisadas na próxima seção. Optou-se por incluir o item lexical nesta análise devido a: 1) Índícios obtidos através de observação não sistemática de que itens componentes de certos tipos de termos, como expressões cristalizadas e nomes próprios, apresentariam maior taxa de vocalização de /ɫ/; 2) Oliveira (1992 e 1995) apontam para aspectos do item lexical que podem influenciar a vocalização da lateral palatal no PB e 3) estudos realizados em outras comunidades apontam tendências relacionadas ao item (MADUREIRA, 1987; CASTRO, 2006; PINHEIRO, 2009).

Ao observar o comportamento de alguns itens isolados no *corpus* de Papagaios, percebeu-se que a frequência, a participação em expressões cristalizadas (*minha filha*) e em certos nomes próprios (*Rua da Palha*) poderiam estar influenciando a taxa de vocalização. A fim de comprovar essas impressões, levaram-se a cabo análises qualitativas e quantitativas, conforme o *corpus* e a codificação dos dados permitiram.

Ao discutir as relações entre léxico e mudança, Oliveira (1992) aposta no papel do léxico como porta de entrada para a mudança sonora, e o contexto fonético como atuante *a posteriori*, apenas como estabilizador de mudanças. O item lexical seria, portanto, o licenciador de um processo de mudança, que depois seria submetido à avaliação local pelo contexto fonético (OLIVEIRA, 1992, p. 36). Em um trabalho posterior (OLIVEIRA, 1995), o autor retoma esta discussão, perguntando-se quais seriam as características dos itens lexicais mais propensos a servir de ponto de partida para um processo de mudança e propondo que “traços como [+/-Frequente] e/ou [+/-Formal] sejam, também, traços atribuídos nos itens lexicais a partir das configurações contextuais em que eles se encontram, e não sejam vistos como traços intrínsecos aos itens lexicais individuais” (idem, p. 87). Nesta seção, serão apresentados alguns aspectos do item lexical que podem favorecer a realização da variante [j]. Foram observados os seguintes aspectos do item: frequência, participação em expressão cristalizada e natureza do nome, a fim de observar se algum desses aspectos poderia favorecer a variante vocalizada.

5.2.1 Frequência

Passa-se agora à análise dos efeitos da frequência dos itens no fenômeno de iotização. A análise deste fator toma por base apenas o *corpus* de Papagaios, isto é, esta análise leva em conta somente os itens mais frequentes nesse *corpus*. Consideram-se frequentes os itens que tiveram mais de 20 realizações, sendo arbitrário o número de realizações escolhido. O objetivo é apenas verificar se os itens mais frequentes e não provocados tendem a apresentar mais a realização vocalizada [j] do que os itens menos frequentes no *corpus*.

Os itens que tiveram 20 ou mais realizações nesse *corpus* foram *família/famílias, filha/filhas, filho/filho, Maravilhas, melhor, melhor, melhorar, melhorou, milho, mulher, olha* (verbo “olhar”), *trabalha, trabalhando, trabalhar, trabalhava, trabalhei, trabalho* e *velha*. Foram excluídos da lista os itens que foram provocados pelo menos uma vez, isto é, não surgiram espontaneamente na conversa, mas como resultado de tópicos ou perguntas propostas pelo entrevistador, tais como:

- *qual que é as cidade que ocê cunhece que tem perto de Papagaio?*

A resposta para esta pergunta quase sempre incluía³⁰ o item *Maravilhas*, uma vez que esta é a cidade mais próxima de Papagaios e mais lembrada pelos informantes de forma geral. Assim, o item *Maravilhas* foi excluído desta análise. O mesmo ocorreu com outros itens, como *trabalhar* e *melhor*, que ocorreram como resultado direto de assuntos propostos pela entrevistadora, como em:

- 1) e o quê que cê achô do sirviço? (Pergunta feita à Informante A)
*nó pesado... **trabaiei** isso tudo já...* (Inf. A)
- 2) tá certo e atualmente cê faz o quê? (Pergunta feita à Informante C)
*eu sô impresária im Papagaio eu **trabalho** no ramo de cerâmica* (Inf. C)
- 3) é sobre Papagaio atualmente o quê que é a coisa que cê acha que mais tá precisano mais urgentemente de **milhora**? (Pergunta feita à informante C)

³⁰ Só houve uma exceção. A informante A citou todas as cidades vizinhas de Papagaios, menos Maravilhas.

*Papagaio tá pricisano **milhorá** no aspecto saúde iducação e limpeza... (Inf. C)*

Dos itens frequentes listados acima, então, pode-se afirmar, a partir de uma revisão das entrevistas, que os itens que certamente não foram provocados são: *família/famílias, filho/filhos, mulher/mulheres, filha/filhas, olha*³¹ e *velha*.

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes por cada um desses itens.

Tabela 7 — Distribuição das variantes entre os itens mais frequentes

Item	[j]	% [j]	[ʎ]	% [ʎ]	Total
família	5	4,5	107	95,5	112
filho	26	27,7	68	72,3	94
mulher	13	24,5	40	75,5	53
filha	17	40,5	25	59,5	42
velha	7	28	18	72	25
olha	12	60	8	40	20
TOTAL	80	23,1	266	76,9	346

A tabela mostra que o item mais frequente, *família*, teve o mais baixo percentual de vocalização: apenas 4,5%. No entanto, todos os outros itens tiveram percentuais de vocalização acima da média geral de 19,7%.

Madureira (1987, p. 63) aponta que, “se considerados dois itens frequentes na língua, um deles apresenta alto percentual de vocalização e outro, não, é evidente que a frequência não é o fator de favorecimento.” A autora sugere que a frequência pode tanto favorecer quanto desfavorecer a aplicação de uma regra fonológica, e que um dos fatores atuantes no processo pode ser o item e o prestígio social associado a ele: “Quanto mais uma forma linguística carrega consigo um rótulo de prestígio, mais os itens através dos quais se pretende obter prestígio a adotarão” (op. cit., p. 63). Seria necessário, portanto, a associação do estudo da variação linguística à relação do conteúdo semântico dos itens com os quadros ideológicos da sociedade estudada (op. cit. p. 64).

Pode ser também que o fator frequência apenas pareça atuar onde na verdade o que atua é o fator estilo de fala: itens cuja frequência é maior no estilo de fala informal tenderiam a apresentar maior alteração por processos fonológicos do que itens cuja frequência é maior no estilo de fala formal. Ora, sabe-se que certos assuntos são compatíveis com o estilo de fala

³¹ Foram incluídos somente os casos em que se tratava do verbo “olhar” conjugado, isto é, foram excluídos os casos de interjeições, como em “*Olha... a vida do meu pai foi uma vida uma infância muito sofrida...*” (Inf. S), e incluídos casos como “*És sempre olha sabe maó boa vontade maó- dimais*” (Inf. G)

informal, e outros com o estilo de fala formal (cf. LABOV, 1972, p. 86 e MEYERHOFF, 2006, p. 30-56), e os itens em torno dos quais giram esses assuntos poderiam ter maior frequência dependendo do estilo de fala. Haveria, portanto, determinados itens que estariam ligados a determinados estilos de fala, como *alheio*, *auxílio* (estilo formal) e *muiezada*, *paiero*³², *paierão*³³ (estilo informal).

Apesar de o fator estilo de fala não ter sido controlado, apresenta-se abaixo um indício de que ele atuaria no *corpus* pesquisado, dada a total ausência de vocalização entre as formas plurais dos itens *família*, *filho*, *mulher* e *filha*, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 8 — Distribuição das variantes no plural de alguns itens frequentes

Item	[j]	% [j]	[ʎ]	% [ʎ]	Total
famílias	0	0	6	100	6
filhos	0	0	19	100	19
mulheres	0	0	3	100	3
filhas	0	0	2	100	2

A tabela mostra que as formas plurais dos itens mais frequentes do *corpus* não apresentam variação na realização da lateral palatal, que é realizada sempre como [ʎ]. Como a presença do plural normalmente está relacionada a um estilo de fala mais cuidadoso, os dados da tabela apontam para a incompatibilidade da variante [j] com o estilo de fala formal, o que pode ser percebido até mesmo intuitivamente.

Acredita-se que, além do estilo de fala, a diferença da taxa de vocalização entre alguns itens também esteja ligada a fatores como a participação em expressões cristalizadas, conforme mostra a seção seguinte.

5.2.2 Expressões cristalizadas

Pinheiro (2009, p. 73) apresenta a expressão *meu filho* como possuindo especialização semântica, assim como palavras como *caralho* e *velho*, que apresentam, na fala de seus informantes, sentidos diferentes dos principais sentidos apontados pelos dicionários. A

³² “Palheiro” significa cigarro de palha.

³³ Estes itens ocorreram no *corpus* somente na forma vocalizada.

expressão *meu filho* seria, neste caso, um vocativo, “não se referindo ao próprio filho/filha do informante” (op. cit., p. 74).

Observou-se de forma intuitiva no *corpus* estudado que os itens que formam parte de expressão cristalizada apresentavam alta taxa da realização [j]. Passou-se, então, ao estudo mais cuidadoso da expressão cristalizada *minha filha*, bastante recorrente no *corpus* analisado. A hipótese que se adota é de que as expressões cristalizadas apresentem maior taxa de vocalização do que o item isolado. Assim, o item *filha* isolado apresentará menor taxa de vocalização do que o item *filha* como parte da expressão cristalizada *minha filha*. Abaixo estão transcritos quatro exemplos do *corpus*, para fins de ilustração.

e a outra é a R. a R. é fia da L. é subrinha (Inf. J)³⁴

só que a filha dela morreu dexô os minino tudo piqueno (Inf. D)

eu peguei a rua minha fia e nela eu tomei uma bomba (Inf. L)

oh minha filha isso faz parte do do currículo da iscola (Inf. E)

Para verificar a hipótese enunciada acima, será analisada a ocorrência do item lexical *filha* nas duas instâncias citadas acima – isoladamente e como parte da expressão – para verificar em qual delas a vocalização ocorre com mais frequência. Todos os exemplos de *minha filha* mostrados pela tabela são vocativos. Para testar a relevância estatística dos resultados, será utilizado o teste qui-quadrado, já que os dados não foram rotulados para serem rodados no Goldvarb X com relação a esse aspecto. A hipótese nula era: a participação em expressão cristalizada e a realização da lateral palatal como [j] são independentes. A hipótese alternativa era: a participação em expressão cristalizada e a realização da lateral palatal como [j] não são independentes. Ressalta-se que esta análise pretende apenas apontar caminhos para futuras análises mais refinadas e com maior variedade de expressões cristalizadas.

³⁴ Nas transcrições do áudio das gravações, os nomes próprios foram grafados conforme os critérios da seção 4.5. No entanto, no texto desta dissertação, optei por expor apenas a primeira letra do nome das pessoas mencionadas nas conversas que tive com os informantes. Isto foi feito com o intuito de preservar a privacidade de todos.

Tabela 9 — Distribuição das variantes [j] e [ʎ] segundo item isolado e participação em expressão cristalizada

Item	[j]	% [j]	[ʎ]	% [ʎ]	Total	X ²
<i>filha</i>	5	20,8	19	79,2	24	
<i>minha filha</i>	12	66,7	6	33,3	18	21,77
Total	17	40,5	25	59,5	42	

Adotando-se um nível de significância de 5%, que leva à região crítica de 3,84, pode-se adotar a hipótese alternativa de que a participação na expressão cristalizada *minha filha* e a realização da lateral palatal como [j] não são independentes.

Para explicar este resultado, pensou-se em duas propostas. A primeira seria atribuir a maior vocalização da expressão cristalizada ao estilo de fala em que ocorreu – assim como pode estar ocorrendo com a frequência dos itens. Pode ser, pois, que a expressão cristalizada *minha filha* ocorra mais no estilo de fala informal que no formal – o que levaria a uma maior vocalização não por causa da expressão em si, mas pelo fato de ela ocorrer com mais frequência em um determinado estilo de fala que favorece a vocalização. Neste caso, a expressão cristalizada em si não seria o fator de favorecimento.

A segunda possibilidade seria atribuir a maior taxa de vocalização à maior resistência das expressões cristalizadas à mudança, como ocorre com os nomes próprios. Fato é que, enquanto o fator estilo de fala não for controlado, não será possível chegar a resultados próximos de conclusivos. Até aí, pode-se apenas conjecturar.

A expressão *meu filho* teve apenas 3 ocorrências no *corpus*, todas realizadas com a variante [j]. Duas ocorreram na fala de um mesmo informante e uma apareceu como discurso direto reproduzido por outro informante. Considerou-se inadequado conduzir uma análise como a anterior devido ao baixo número de ocorrências e à sua má distribuição. As ocorrências de *meu filho* no *corpus* pesquisado são:

falô assim “cê qué i pra onde meu fio?” (Inf. T)

o piru destruiu nós meu fio ah quem diz que nós dá conta (Inf. V)

ah quem diz que nós dá conta meu fio logo que êl' chegô (Inf. V)

Acredita-se que o menor número de ocorrências da expressão cristalizada *meu filho* em relação a *minha filha* se deva ao gênero da entrevistadora. Seguem abaixo outras expressões cristalizadas que apareceram no *corpus* na forma vocalizada, somente para fins de ilustração ou para servirem como referência para outras análises.

1) *Dar trabalho* (dificultar as coisas)

os fio tá piqueno dá trabaio... (Inf. B)

crecece dá trabaio né Olga é difícil... (Inf. B)

resolvê aquilo “não num dá trabaio aqui não que eu te dô um real” (Inf. Q)

deu um pouco de trabaio pra mim eu acho que eu num mudaria não (Inf. U)

2) *Mundo velho* (muitos; uma quantidade muito grande)

e vivia acompanhado de um mundo veio de cachorros (Inf. R)

Marião da Vila foi outra pessoa que tinha um mundo veio de filhos (Inf. R)

3) *Estar na galha* (estar em má situação)

eu falei assim “hoje nós tá morto hoje nós tá na gaia” aí Juão tem um lugar lá que tem que entrá pra Brasília (Inf. T)

5.2.3 Natureza do nome: nomes próprios e nomes comuns

Durante a análise das primeiras oito entrevistas do *corpus*, notou-se que o item *Palha* como parte da expressão *Rua da Palha*, nome dado a uma rua antiga e tradicional de Papagaios, parecia apresentar maior tendência à vocalização do que o substantivo comum *palha*. Questionou-se, a partir daí, se o que estaria acontecendo na comunidade seria mesmo a vocalização da lateral palatal ou a introdução da pronúncia [ʎ] através de urbanização da cidade (e a conseqüente chegada de rádios, televisores e outros propagadores da norma culta) e de escolarização da população (e a conseqüente correção da pronúncia dos alunos de acordo com a norma culta do país). Viu-se, através da análise do fator social idade (cf. seção 5.3.2), que o que pode estar acontecendo é a introdução da lateral palatal. A resistência da pronúncia vocalizada para o nome próprio *Rua da Palha* (e alguns outros, como veremos adiante) seria,

portanto, mais um indício para corroborar a hipótese de que os nomes próprios seriam menos propensos a mudanças.

A fim de verificar se a taxa de realização da variante vocalizada [j] foi maior em nomes próprios que em nomes comuns, utilizou-se o programa Goldvarb X, uma vez que os dados haviam sido preparados anteriormente para essa análise. O programa forneceu os seguintes resultados preliminares:

Tabela 10 — Distribuição das variantes entre nomes próprios e comuns

	% [j]	Peso	Total no <i>corpus</i>
Nomes comuns	20,2	.51	229/1133
Nomes próprios	16,9	.45	33/195
Total	19,7	-	262/1328

O valor dos pesos relativos – .51 para nomes comuns e .45 para nomes próprios – sugere um leve desfavorecimento da variante [j] pelos nomes próprios, mas os resultados estão bem próximos da neutralidade. Além disso, o fator não foi indicado pelo Goldvarb X como relevante.

Passou-se, então, à análise qualitativa do fator natureza do nome a fim de verificar se outros padrões podem ser encontrados de acordo com a distribuição das variantes para cada nome/item. A seguir apresenta-se uma tabela com os nomes próprios que ocorreram no *corpus* pesquisado, acompanhados do número de realizações vocalizadas ([j]), da porcentagem de vocalização (% [j]) e do total de realizações (Total).

Tabela 11 – Ocorrência da variante [j] em nomes próprios do *corpus*

Nome	[j]	% [j]	Total
Aurélio	0	0	2
Austrália	0	0	1
Brasília	0	0	12
Cecília	0	0	4
Cecília Meireles (escola)	0	0	3
Getúlio (Vargas, avenida)	0	0	4
Getúlio (Vargas, ex-presidente)	0	0	1
Hélio	0	0	6
Idálio	0	0	1
Ilhéus	0	0	1

Júlia	0	0	2
Lília	0	0	3
Maravilhas (cidade)	19	17	112
Mulher (Zé Mulher, apelido)	1	100	1
Palha (Rua da)	11	34,4	32
Pampulha	0	0	1
Velha (Ponte Velha, fazenda)	2	25	8
Velho (Pompéu)	0	0	1

Observa-se que não houve variação em itens referentes a nomes de pessoas – a não ser no apelido Zé Mulher, que teve apenas uma ocorrência –, mas apenas em dados referentes a nomes de lugares próximos. Separando apenas os itens que tiveram vocalização, obtém-se a tabela:

Tabela 12 — Nomes próprios que apresentaram vocalização

Nome	[j]	% [j]	Total
Mulher (Zé Mulher, apelido)	1	100	1
Velha (Ponte Velha, fazenda)	2	25	8
Palha (Rua da)	11	34,4	32
Maravilhas (cidade)	19	17	112

Interessa, em especial, o caso de *Rua da Palha*, que teve a maior porcentagem de realizações vocalizadas (34,4%), e o de *Maravilhas*, que teve o maior número absoluto de realizações (112). Os nomes *Ponte Velha*, *Rua da Palha* e *Maravilhas* foram provocados pela entrevistadora em algumas ocasiões através de perguntas ou solicitações específicas, tais como:

- *tem uma fazenda que chama Ponte alguma coisa* (Ponte Velha)
- *ques escola de samba que tem em Papagaio?* (Unidos da Rua da Palha)
- *qual caminho que ocê faria pra chegá da Matriz no hospital passano pur trás?* (Rua da Palha)
- *qual que é as cidade que ocê cunhece que tem perto de Papagaio?* (Maravilhas)

Apesar de se acreditar que a provocação de itens possa comprometer a aleatoriedade dos itens obtidos, o fato é que, numa amostra do tamanho da que se pretendia compor, essa parecia ser a única maneira de se provocar os itens de interesse dentro do procedimento de

entrevista. Nas seções a seguir, analisar-se-á o comportamento dos nomes próprios *Rua da Palha* e *Maravilhas*.

5.2.3.1 O topônimo *Rua da Palha*

Deve ser dito que, em se tratando desta rua, a autora deste trabalho não se lembra de ter ouvido, em momento algum antes das entrevistas, a pronúncia com a lateral palatal³⁵. No *corpus* analisado, o nome *Palha* foi vocalizado por informantes de gêneros, idades e escolaridades diferentes.

Segundo alguns moradores da cidade³⁶, o nome da rua vem do fato de que as casas aí costumavam ser, cerca de quarenta anos atrás, feitas de palha. Olga Biscardi, uma professora de quarenta e oito anos que mora na cidade desde os dois, assim relatou suas memórias a respeito da rua:

“O nome ‘Rua da Paia’ é porque as casas ali eram todas de palha... eu era menina, e lembro das casinhas. Eu era menina assim, de não estar nem na escola ainda. E ali era uma comunidade negra, uma espécie de quilombo. Uma família tinha um lote e fazia várias casas nesse lote, e assim morava todo mundo mais ou menos junto.”

Ainda segundo Olga, apesar de hoje as casas de palha não existirem mais, podem-se observar atualmente claros resquícios dessa maneira antiga de construir as casas nesta rua, com vários lotes que abrigam mais de uma residência cada um.

A Rua da Palha é conhecida na cidade de Papagaios, mas não é a rua principal. Fica bem próxima do Centro e todos sabem da sua localização. A rua abriga um bloco de carnaval que desfila todos os anos e que se chama “Unidos da Rua da Palha”. Segundo observação intuitiva, é possível que no nome deste bloco também exista uma alta tendência à vocalização. Resta saber se a mesma tendência se identifica ao substantivo comum *palha*.

³⁵ Penso que seria interessante levar a cabo, neste caso e em outros, o procedimento empregado por Labov para minimizar os efeitos do paradoxo do observador. Cf. Labov, 1972, capítulo 2, intitulado “The social stratification of (r)”.

³⁶ Consultei três nativos da cidade de Papagaios a respeito deste assunto, e os três me deram essencialmente a mesma resposta. Optei por transcrever aqui a resposta que julguei mais completa, isto é, com maior riqueza de detalhes.

Tabela 13 — Vocalização da lateral palatal em *palha*, substantivo comum, e *Palha*, nome da rua

Item	%[j]	[j]/T
palha (nome comum)	16,7	01/06
Palha (nome próprio)	34,4	11/32

A tabela mostra que o fonema /ʎ/ do item *palha* parece estar mais suscetível ao fenômeno de vocalização enquanto faz parte do nome *Rua da Palha* do que quando usado como nome comum³⁷. Se se presume que a pronúncia vocalizada [j] era categórica na comunidade até a introdução da pronúncia lateral palatal [ʎ] através do processo de urbanização e escolarização da população, o caso da Rua da Palha pode servir para corroborar a hipótese de Oliveira (1995) de que os nomes próprios seriam mais resistentes à mudança.

Embora a intenção inicial fosse aplicar o teste qui-quadrado a fim de verificar se há relevância estatística para os dados apresentados, essa ideia foi descartada após se verificar que o número de dados, principalmente dados referentes ao substantivo comum *palha*, ainda era muito reduzido para realizar esse procedimento.

5.2.3.2 O topônimo *Maravilhas*

Quanto ao fenômeno de vocalização da lateral palatal no nome *Maravilhas*, fica a impressão, confirmada pela tabela 13, de que a vocalização ocorre, mas em menor proporção (17%) do que no nome *Rua da Palha* (34,4%). Neste caso, não foi possível fazer uma comparação entre o nome próprio e o nome comum, porque o nome comum ocorreu apenas uma vez, e as dificuldades encontradas para provocá-lo não foram pequenas.

A cidade de Maravilhas fica a 10 quilômetros de Papagaios e a 140 quilômetros de Belo Horizonte. Segundo o IBGE, Maravilhas tinha uma população de 7.143 habitantes em 2010, próximo da metade da população de Papagaios³⁸. As duas cidades parecem ter estreita relação econômica, segundo a percepção dos informantes durante as entrevistas realizadas para constituir o *corpus* que se está pesquisando.

³⁷ Um trabalho anterior realizado por mim como monografia de fim de curso apontava para a categoricidade da vocalização do item *palha* no nome *Rua da Palha* e mostrava uma taxa de 50% de vocalização para *palha* como nome comum. No entanto, devido ao número reduzido de dados, não foi possível chegar a resultados conclusivos, mas apenas apontar a tendência de que este nome próprio teria maior propensão à vocalização. Nesta pesquisa, tentamos provocar o nome comum *palha* a fim de obter um maior número de dados, mas infelizmente esse número ainda é pequeno. No entanto, para os dados apresentados, a maior tendência à vocalização do item *Palha* (enquanto parte do nome *Rua da Palha*) se mantém.

³⁸ Cf. IBGE <http://www.censo2011.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31> Acesso em 16 jan 2012.

Percebe-se que o percentual de vocalização do nome *Maravilhas* fica próximo do percentual médio geral de vocalização – 19,7%. Poder-se-ia argumentar que o item *Maravilhas* se comporta da mesma forma que a maioria dos itens do *corpus*, o que parece ser verdade. No entanto, como já se viu e ainda se verá adiante, o nome *Maravilhas* não se comporta da mesma forma que a maior parte dos nomes próprios, assim como *Rua da Palha* e *Ponte Velha*.

5.2.3.3 Reanálise do fator natureza do nome

Ao observar o comportamento do fenômeno de vocalização da lateral palatal em nomes próprios no *corpus* pesquisado, percebeu-se que a mesma ocorria apenas em nomes de lugares, e não em nomes de pessoas (com apenas uma exceção, o apelido *Zé Mulher*, que teve uma ocorrência). Assim, optou-se por separar os nomes de lugares – topônimos – dos nomes de pessoas – antropônimos – e conduzir uma análise comparativa dos primeiros em relação aos segundos a fim de verificar se a diferença na taxa de vocalização entre uns e outros tem relevância estatística.

Tabela 14 – Ocorrência da variante [j] em topônimos e antrotopônimos

Nome	[j]	% [j]	Total
Austrália	0	0	1
Brasília	0	0	12
Cecília Meireles (escola)	0	0	3
Getúlio (Vargas, avenida)	0	0	4
Ilhéus	0	0	1
Maravilhas (cidade)	19	17	112
Palha (Rua da)	11	34,4	32
Pampulha	0	0	1
Velha (Ponte Velha, fazenda)	2	25	8
Velho (Pompéu)	0	0	1
Total	32	18,3	175

A tabela 14 mostra que, quando se consideram apenas os topônimos antigos da região – *Maravilhas* (17%), *Ponte Velha* (25%), *Rua da Palha* (34,4%) – percebe-se que eles apresentam maior taxa de [j] que topônimos ligados a lugares distantes, como *Brasília* (0%).

É interessante observar que nomes como *Brasília*, *Austrália* e *Pampulha* podem derivar prestígio dos lugares que nomeiam, o que de certa forma diminuiria as chances de ocorrer a vocalização. Vale lembrar também que os nomes *Brasília* e *Pampulha*, ao contrário dos antropônimos antigos da região de Papagaios, se referem a lugares de construção recente. Brasília foi terminada em 1960 e a Pampulha, região de Belo Horizonte, começou a se urbanizar em 1936³⁹.

A tabela abaixo mostra a distribuição das variantes nos antropônimos encontrados no *corpus*.

Nome	[j]	% [j]	Total
Aurélio	0	0	2
Cecília	0	0	4
Getúlio (Vargas, ex-presidente)	0	0	1
Hélio	0	0	6
Idálio	0	0	1
Júlia	0	0	2
Lília	0	0	3
Mulher (Zé Mulher, apelido)	1	100	1
Total	1	5	20

apelido)

A tabela acima mostra que apenas 1 de 20 antropônimos foram vocalizados, o que equivale a 5% de [j] entre os nomes deste grupo. É interessante observar, apesar do baixo número de dados (apenas 1) que a única vocalização em antropônimo ocorreu em um apelido. Pode-se propor a hipótese a ser verificada futuramente de que os apelidos favoreçam as formas estigmatizadas, especialmente se a intenção for fazer chacota do apelidado. A tabela seguinte resume os resultados obtidos, agrupando todos os topônimos em uma linha e todos os antropônimos em outra linha.

³⁹ Informação encontrada no site da Prefeitura de Belo Horizonte: “O marco inicial da formação urbana da região ocorreu, portanto, em 1936...” <
http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=regionalpampulha&tax=8538&lang=pt_BR&pg=5484&taxp=0> Acesso em: 08 mar 2012.

Tabela 16 - Ocorrência de [j] em topônimos e antropônimos

	% [j]	[j]/T	X ²
Topônimos	18,3	32/175	
Antropônimos	5	01/20	-
Total	16,9	33/195	

Fica evidente a maior tendência dos topônimos a apresentarem a variante [j] (18,3%) em comparação com os antropônimos (5%). Ressalta-se, no entanto, a tendência apontada na tabela 16: são os topônimos antigos da região de Papagaios que tendem a apresentar maior taxa de [j].

Inicialmente, pretendia-se conduzir um teste qui-quadrado, mas isto se mostrou inviável dada a pequena quantidade de antropônimos que apresentaram vocalização (apenas 1).

5.2.4 Conclusão da análise de fatores estruturais

A análise dos fatores fonológicos mostrou que as vogais seguintes [+alta] e [-arredondada] favorecem a realização vocalizada da consoante lateral palatal, o que não permite refutar a hipótese de assimilação.

A análise de aspectos do item lexical mostrou que alguns itens frequentes no *corpus*, como *filho*, *mulher* e *filha* apresentavam maior tendência à vocalização, enquanto o item *família* parece inibir a presença da variante [j]. Pensa-se que a ligação entre item e estilo de fala possa esclarecer essa questão. Não foram encontradas, no *corpus*, formas plurais com a variante [j], o que aponta para sua maior incompatibilidade com estilos de fala formais. A análise da expressão cristalizada *minha filha* mostrou que a participação em expressão cristalizada pode favorecer a presença da variante [j]. Quanto à oposição entre nomes próprios e comuns, percebeu-se que os topônimos que se referem a lugares próximos de Papagaios apresentam maior tendência à vocalização do que todos os outros nomes.

5.3 Fatores sociais

Como se sabe, a vocalização é resultado da interação complexa de fatores, como vimos na análise dos fatores linguísticos. À atuação desses se mescla a dos fatores sociais, que passamos a analisar.

Conforme mencionado no capítulo 4, os fatores sociais a serem analisados neste trabalho são escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior), idade (faixa de 20 e 40 e de 40 a 60) e gênero (masculino e feminino).

As tabelas das seções a seguir mostram que a variável parece estar bem distribuída dentro dos fatores. Não foi necessário recodificar estes fatores, uma vez que as tabulações cruzadas não resultaram em nenhuma célula vazia.⁴⁰

5.3.1 Análise do fator escolaridade

A tabela abaixo mostra os resultados da análise do fator escolaridade.

Tabela 17 – Escolaridade: pesos relativos			
Log likelihood	-624.721		
Total de dados	1328		
Escolaridade	Peso	%	[j]
Ensino Fundamental	.66	29,1	125/429
Ensino Médio	.53	21,2	101/476
Ensino Superior	.30	8,5	36/423

A tabela mostra que o percentual de [j] é maior no grupo menos escolarizado, EF (Ensino Fundamental completo ou incompleto), que apresenta 29,1% de vocalização. Esse percentual diminui à medida que aumenta o grau de escolarização – EF (Ensino Médio completo) apresenta 21,2% de vocalização, e ES (Ensino Superior completo) apresenta apenas 8,5% de vocalização – a mais baixa taxa encontrada entre os fatores sociais analisados neste trabalho.

Percebe-se que o Ensino Fundamental favorece a variante vocalizada (.66). O Ensino Médio apresenta favorecimento fraco (.53) e o Ensino Superior apresenta desfavorecimento

⁴⁰ Isto aconteceu porque a amostra foi constituída justamente de acordo com fatores sociais. Não era possível, é claro, utilizando o procedimento de entrevistas, que leva à fala espontânea, coletar uma amostra controlando fatores internos.

da variante vocalizada (.30). Fica confirmada a hipótese de que [j] tem menor chance de ocorrer na fala de indivíduos mais escolarizados e maior chance de ocorrer na fala de indivíduos menos escolarizados na comunidade estudada. Os resultados confirmam a hipótese de que os falantes menos escolarizados tendem a pronunciar mais [j] em relação aos falantes mais escolarizados e indicam que a variante pode ser estigmatizada na comunidade em questão.

Na comunidade de Belo Horizonte, Pinheiro (2009) também obteve favorecimento da variante [j] pelo grupo menos escolarizado (Ensino Fundamental completo ou incompleto) e desfavorecimento da mesma pelo grupo mais escolarizado (Ensino Superior completo ou incompleto). A semelhança entre os resultados de Papagaios e Belo Horizonte levando-se em conta o fator escolaridade aponta para a semelhança de valor social da variante [j] nas duas comunidades – no caso, a variante é característica de grupos pouco escolarizados e desprestigiados socialmente, o que possivelmente torna a variante [j] uma variante desprestigiada.

5.3.2 Análise do fator idade

Tabela 18 – Idade: pesos relativos			
Log likelihood	-624.721		
Total de dados	1328		
Idade	Peso	%	[j]
20-40	.44	22,1	169/764
40-60	.54	16,5	93/564

A tabela acima mostra que a faixa etária menos jovem (40-60) apresenta um favorecimento fraco (.54) da variante [j], enquanto a faixa etária mais jovem (20-40) apresenta um desfavorecimento fraco da variante [j].

Esperava-se que o resultado da análise deste fator fornecesse pistas em relação à direção da mudança para a comunidade de Papagaios, a partir da hipótese de que o que estaria ocorrendo na comunidade seria a introdução da lateral palatal e não a sua vocalização propriamente dita. Como o favorecimento apontado pelo programa é fraco, a análise permite apenas manter a hipótese de que a mudança esteja em progresso e a variante [j] esteja em processo de extinção na comunidade.

Em Belo Horizonte, Madureira (1987) e Pinheiro (2009) apontam para a estabilidade da variante [j]. Não haveria, portanto, na capital mineira, uma mudança em progresso. Conforme dito anteriormente, pode não ser esse o caso de Papagaios, onde os dados apontam para a possibilidade de introdução da lateral palatal.

5.3.3 Análise do fator gênero

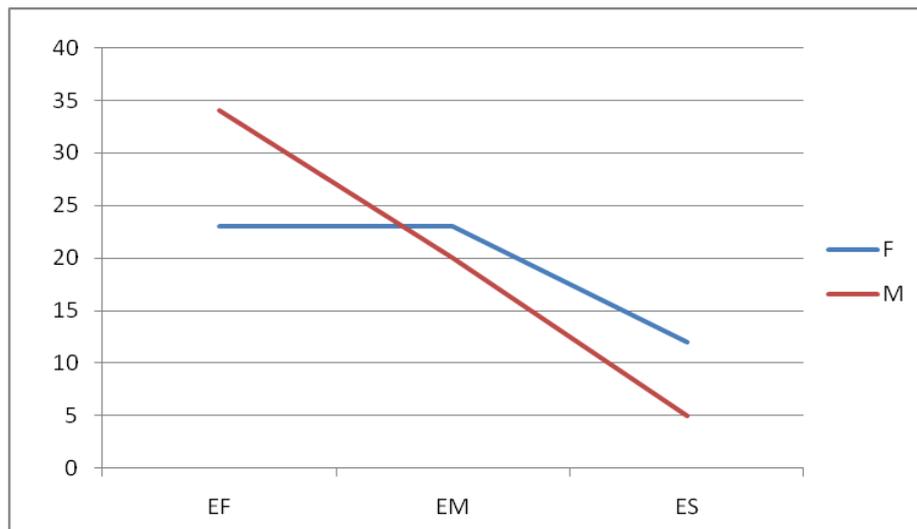
A hipótese inicial para o fator gênero (cf. capítulo 3), baseada na literatura teórica e em trabalhos realizados em Belo Horizonte (OLIVEIRA, 1983; MADUREIRA, 1987; PINHEIRO, 2009) era de que, como [j] é uma variante estigmatizada, ela tenderia a ser evitada pelas mulheres da comunidade, uma vez que indivíduos do gênero feminino tendem a evitar formas desprestigiadas⁴¹. No entanto, um trabalho anterior realizado em Papagaios (BISCARDI & DOGLIANI, 2011, p. 220) aponta para a neutralidade do fator gênero em relação a esse fenômeno na comunidade. A fim de confirmar esses resultados, o *corpus* foi expandido e os dados foram analisados pelo Goldvarb X.

A tabela abaixo mostra o resultado da análise do fator gênero pelo Goldvarb X.

Tabela 19 – Fator gênero			
Log likelihood	-624.721		
Total de dados	1328		
Gênero	Peso	%	[j]
Feminino	.50	18,9	116/615
Masculino	.50	20,5	146/713

Os pesos relativos para o gênero masculino e feminino são iguais, no valor de .50 para cada um, o que parece confirmar a neutralidade dos gêneros em relação à variante vocalizada. O fator gênero também não foi apontado como relevante pelo Goldvarb X. Assim, foi preciso ir em busca das forças que estariam operando na relação deste fator com outros. Para isso, buscou-se na interação do gênero com outros fatores sociais a explicação para o resultado relativo a este fator.

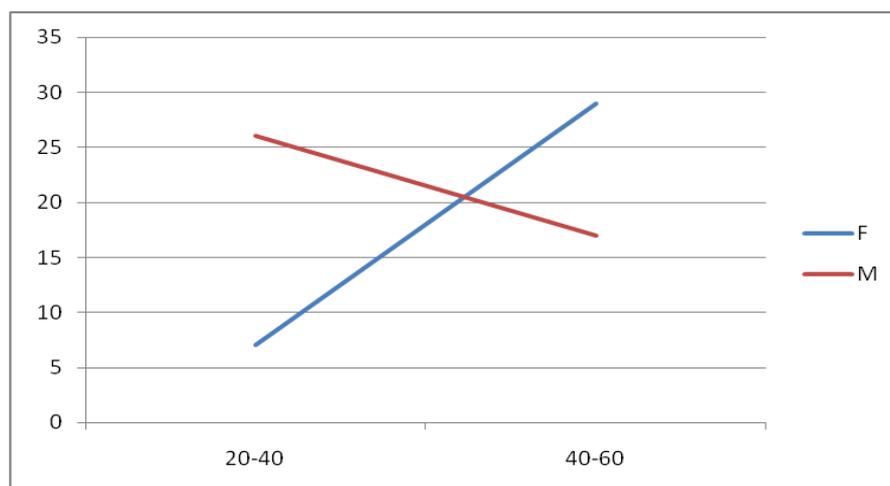
⁴¹ Especialmente mulheres dos grupos socioeconômicos intermediários, conforme nota número 21.

Gráfico 3 — Gênero e escolaridade: percentual de [j]

O gráfico mostra que o fator escolaridade atua nos dois gêneros no sentido de diminuir o percentual de realização da variante [j]. Mostra, também, que o fator escolaridade tem menor efeito sobre a fala das mulheres, que variam entre 23% e 12% de vocalização entre o Ensino Fundamental e o Superior. Os homens, que apresentam 34% de vocalização no Ensino Fundamental, acabam apresentando apenas 5% de [j] ao chegarem ao Ensino Superior. Em outras palavras,

- 1) os homens mais escolarizados de Papagaios tendem a observar mais a norma culta do que as mulheres e
- 2) os homens menos escolarizados de Papagaios tendem a observar menos a norma culta do que as mulheres.

Assim, ao se escolarizarem, os homens adquirem o papel de líderes da mudança na direção da introdução da lateral palatal, enquanto as mulheres têm esse papel no grupo menos escolarizado. Caso o que esteja ocorrendo na comunidade seja a vocalização da lateral palatal, o gráfico aponta para a liderança das mulheres nos grupos menos escolarizados e dos homens nos grupos mais escolarizados.

Gráfico 4 — Gênero e idade: percentual de [j]

O gráfico mostra que o fator idade atua mais sobre a fala das mulheres do que sobre a dos homens. A taxa de vocalização entre as mulheres de 20-40 é bem menor (7%) que a taxa de vocalização entre os homens da mesma faixa (26%), tendência que se inverte para a faixa etária 40-60, em que as mulheres apresentam maior taxa de [j] (29%) do que os homens (17%). Assim, as mulheres jovens parecem ser bem mais sensíveis à norma padrão do que as mulheres da faixa etária 40-60, enquanto os homens da faixa 40-60 são mais sensíveis à norma culta do que os homens da faixa 20-40.

Se for considerado que o que está acontecendo em Papagaios é a introdução da lateral palatal e que o papel de um grupo social na mudança linguística corresponde ao seu papel na sociedade, ou seja, à sua mobilidade social, que corresponde à sua quantidade de contatos dentro e fora da comunidade de fala (OLIVEIRA, 1983, p. 229-230; LABOV, 1981), poder-se-ia considerar que 1) os homens do grupo mais escolarizado possuem maior mobilidade social que as mulheres do grupo mais escolarizado, uma vez que estão implementando mais rapidamente a pronúncia [ʎ]; 2) as mulheres da faixa etária 20-40 possuem maior mobilidade social do que os homens dessa faixa etária e 3) os homens da faixa etária 40-60 possuem maior mobilidade social do que as mulheres dessa faixa, ou seja, parece ter havido uma inversão na mobilidade social dos dois gêneros no prazo de uma geração. Deve-se ressaltar que essa inversão é apenas presumida, uma vez que não pode ser comprovada apenas com este estudo.

O cruzamento de fatores mostra, portanto, que as tendências relacionadas ao gênero não são tão neutras quanto pode sugerir, em um primeiro momento, o resultado da análise pelo programa de regras variáveis. Os gráficos mostram que o fator gênero parece apresentar

tendências que haviam sido neutralizadas pela relação com outros fatores da análise (idade e escolaridade).

5.3.4 Conclusão da análise dos fatores sociais

A análise do fator escolaridade mostrou que o Ensino Fundamental favorece a variante vocalizada ao passo que o Ensino Superior a desfavorece a variante vocalizada, o que está de acordo com a hipótese inicial.

A análise do fator idade mostrou que a faixa de idade 40-60 apresenta favorecimento fraco da variante [j], o que não permite confirmar nem refutar a hipótese de que o que está havendo em Papagaios é a introdução da lateral palatal.

A análise do fator gênero mostrou, em um primeiro momento, que esse fator parecia contrariar a hipótese inicial de que as mulheres apresentariam menor taxa de realização da variante desprestigiada [j]. Porém, quando se cruzou o fator gênero com outros fatores viu-se que os dois gêneros apresentavam tendências opostas dentro dos fatores idade e escolaridade, e ficaram patentes tendências relacionadas ao gênero que haviam sido neutralizadas por esses fatores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma análise variacionista do fenômeno de vocalização da consoante lateral palatal no português da comunidade de Papagaios, município localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a 150 quilômetros da capital mineira.

Foi utilizada a metodologia da Sociolinguística Variacionista para coleta e análise de dados de fala de Papagaios. Foram consideradas duas variantes, [ʎ] e [j], para a variável <ʎ>. A variante [ʎ] teve 1066 ocorrências e a variante [j] teve 262 ocorrências (19,7%), num total de 1328 dados.

A análise dos fatores fonológicos apresentou indícios de que existe a possibilidade de a variação entre [ʎ] e [j] ser atribuída a um processo de assimilação. No entanto, essas variantes apresentam influência também de características do item lexical, como a participação em expressões cristalizadas e em nomes próprios. No caso de Papagaios, ficou patente a maior tendência à vocalização de /ʎ/ no item *filha* quando parte da expressão cristalizada *minha filha*. A observação da atuação do fator natureza do nome permitiu concluir que os topônimos (nomes de lugares) da região de Papagaios tendem a apresentar a variante [j] que os outros tipos de nome.

Quanto aos fatores sociais, concluiu-se que os dois gêneros, masculino e feminino, apresentam tendências opostas quando se analisa este fator em relação à escolaridade e à idade. Pensa-se que o padrão encontrado nos dados de fala possa refletir diferenças entre os gêneros na estrutura social de Papagaios. Quanto ao fator escolaridade, viu-se que, conforme esperado, os indivíduos menos escolarizados têm maior tendência a apresentar a variante [j], o que aponta para a possível estigmatização da variante. O fator idade mostrou favorecimento leve da variante [j] pela faixa etária mais idosa (40-60), o que pode indicar 1) mudança em progresso e 2) extinção da variante [j] em Papagaios no futuro. Os resultados não permitem confirmar, mas permitem manter a hipótese de que a variante [j] era categórica na região e o que está ocorrendo na comunidade de Papagaios é a introdução da lateral palatal, a variante que atualmente detém prestígio.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. “Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro.” In: _____. (Org.) *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Eduel, 1999.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 9 fev 2012.
- ANTUNES, C.; VIANNA, M. M. Z. “O dialeto rural não é mais aquele...”. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- ASHBY, P. *Speech sounds*. 2nd. ed. New York: Routledge, 2005.
- BARONAS, J. E. de A. “Falar rural paranaense: alguns traços”. In: COX, M. I. P (Org.). *Que português é esse?* São Carlos: Pedro & João Editores. Cuiabá: Ed. UFMT, 2008.
- BISCARDI, K. & DOGLIANI, E. “Vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG”. In DOGLIANI, E.; COHEN, M. A. A. de M. *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.
- CAMACHO, R. “Sociolinguística: parte 2”. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2005.
- CAMPBELL, L. *Historical linguistics: an introduction*. Edinburgh University Press, 1999.
- CASTRO, E. F. *Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da palatal [ʎ] no português brasileiro*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. “The internal organization of speech sounds”. In: GOLDSMITH, Jhon (org.). *The handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.
- DELFINO, A. D.; CAMPOS, A. M. de O. et al. *Acervo Documental Mesopotâmia Mineira: fragmentos da história de Pará de Minas*. Pará de Minas: Gráfica Ideal, 2009.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- JANKOWSKI, K. R. “The neogrammarian hypothesis”. In: POLOMÉ, E. C (ed.). *Research guide on language change*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Blackwell Publisher, Cambridge, 1994.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. “Resolving the neogrammarian controversy”. In: *Language*, v. 57, n. 2. 1981.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

MADUREIRA, E. D. *Sobre as condições de vocalização da lateral palatal no português*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1987.

_____. “Difusão lexical e variação fonológica: o fator semântico”. In: *Revista de estudos da linguagem*, vol. 1, n. 5, p 5-22. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1975.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1972.

MEYERHOFF, M. *Introducing sociolinguistics*. New York: Routledge, 2006.

MOLLICA, M. C. “Fundamentação teórica: conceituação e delimitação”. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, M. A. de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Tese de doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983.

_____. “A controvérsia neogramática reconsiderada”. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 89, pp. 93-105, 1991.

_____. “Aspectos da difusão lexical”. In: *Revista de estudos da linguagem*, vol. 1. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1992.

_____. “O léxico como controlador de mudanças sonoras”. In: *Revista de estudos da linguagem*, vol. 1, ano 4. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

PAIVA, M. C. A. de. “A variável gênero/sexo”. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. “Transcrição de dados linguísticos”. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes: 1972. (Coleção Perspectivas linguísticas; 5).

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

ROMEIRO, A. *Paulistas e emboabas no coração das minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; PAULA, M. H. de. et al. "Aspectos linguístico-culturais na rota caipira". In: CASTILHO, A. T. de (org.). *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. "Sobre a concordância de número no português falado do Brasil". In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>> Acesso em: 17 jan 2012.

SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986.

SILVA, V. L. P. "Relevância das variáveis linguísticas". In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Ática, São Paulo, 1985.

_____. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. London: Penguin Books, 1995.

VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

WANG, W. "Competing changes as a cause of residue". In: *Language* 45: 9-25. 1969.

ANEXOS

Ficha do informante

Nome (iniciais):

Sexo:

Data de nascimento:

Escolaridade: [] Nenhuma [] 4ª série [] 8ª série
 [] 2º grau [] Superior

Local de nascimento:

Endereço atual:

Há quanto tempo mora em _____?

Já morou fora? Por quanto tempo?

Residência: _____ quartos _____ banheiros

Imóvel próprio? [] sim [] não

Quantas pessoas moram no mesmo endereço?

Atividade de trabalho:

Data da entrevista:

Nome do entrevistador:

Sexo:

Idade:

Duração da entrevista:

Indicação de outros possíveis participantes deste estudo:

Termo de consentimento livre e esclarecido

Nome do(a) participante: _____

Endereço: _____

Telefone: (____) _____

Outra indicação relevante: _____

Nome do pesquisador: Karoline Biscardi Santos

Instituição: UFMG

Título do estudo: _____

Propósito do estudo: analisar dados de fala da comunidade de Papagaios-MG.

Será gravada uma conversa entre o entrevistado e a pesquisadora. Os dados obtidos através dessa gravação serão incorporados ao banco de dados deste estudo através de transcrições que não podem conter a identificação do entrevistado. Como o anonimato é condição para participação na pesquisa e os arquivos de áudio permanecerão em poder da pesquisadora, a privacidade dos voluntários não será violada. A participação nesta pesquisa não acarreta riscos à saúde física ou psíquica dos participantes. Os responsáveis pelo banco de dados zelarão pelo uso e aplicabilidade das amostras exclusivamente para fins científicos. Não haverá qualquer compensação financeira nem pode haver despesa para os participantes da pesquisa.

Os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos, sem que a identidade do entrevistado seja revelada. O entrevistado pode desistir, a qualquer momento e por qualquer motivo, de colaborar com este estudo, bastando para isto comunicar seu desejo à pesquisadora responsável, que se encarregará de apagar os dados correspondentes à sua participação.

Se tiver dúvidas quanto a esta pesquisa, o entrevistado pode telefonar para a pesquisadora Karoline (37-99733656 – CTBC) a qualquer momento. Pode, também, requerer informações junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), localizado no endereço Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais. O COEP também pode ser contatado pelo telefone (31) 3409-4592 ou pelo e-mail coep@prpq.ufmg.br.

Aceito participar neste estudo e ceder meus dados para o banco de dados, e concordo com sua utilização para fins científicos. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Assinatura do informante

Data: _____

Assinatura do pesquisador